

Jurema Oliveira (Organizadora)

CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

III CONGRESSO INTERNACIONAL E V CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO

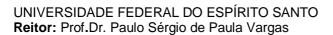
Vitória, ES 23, 24 e 25 de novembro de 2020

Realização:

Núcleo de Estudos e Pesquisas Africanidades e Brasilidades Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória PPGL 2020





PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Pró-Reitor: Prof.Dr. Valdemar Lacerda Jr.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E PESQUISA

Diretor: Profa. Dra. Edinete Maria Rosa

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS

Chefe: Prof. Mário Cláudio Simões

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Coordenador: Prof. Dr. Vitor Cei Santos

COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. Jurema J. de Oliveira (Ufes/Nafricab/Fapes) - Presidente

Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (UFC)

Prof. Dr. Ivan Costa Lima (Unilab/Ceará)

Profa. Dra Teresa Alfredo Manjate (UEM)

Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFVJM)

Profa. Dra. Wilma Nazaré Baía Coelho (UFPA

Profa. Dra. Joselina da Silva (UFRRJ)

Prof. Dr. Gustavo Henrique Araújo Forde (Ufes)

Prof^a. Dr.^a Tânia Maria de Araujo Lima (UFRN)

Prof. Dr. Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Jurema Oliveira – (Presidente/Nafricab/Ufes/Fapes)

DIAGRAMAÇÃO

Monitora: Rafaelly Bonadiman Vieira (Nafricab)

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudos e Pesquisas Africanidades e Brasilidades - Nafricab/UFES

APOIO

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo - FAPES





III CONGRESSO INTERNACIONAL E V CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO

O III Congresso Internacional e V Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação tem por objetivo central discutir, pensar e apresentar caminhos para a implementação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da escola básica a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", a ser ministradas nas diferentes disciplinas com ênfase à Literatura e História Brasileiras; à Sociologia; bem como à Educação Artística. Os conteúdos referentes à História da África e dos Africanos, à cultura negra brasileira, às suas lutas e resistências, à contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política para a realização do projeto-nação foram até então subestimados na educação formal dos brasileiros, tornando-se, na atualidade, pedras angulares na constituição da cultura média das crianças e dos jovens. Essa conquista, entretanto, desafia os professores a buscarem domínio de novas informações para o desenvolvimento de atitudes inovadoras. Importa, pois, qualificar o corpo docente para a nova atuação. No Estado do Espírito Santo, a Ufes tem inegável papel no salutar diálogo entre o nível superior e a escola básica, razão de ser do esforço de organização do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação.



DIA 23/11/2020	SEGUNDA-FEIRA

08h30 ABERTURA DA SALA VIRTUAL

09h00 - 11h00 MINICURSO

As marcas ancestrais em narrativas contemporâneas de Língua Portuguesa

Prof^a. Dr^a. Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)

14h00 – 16h30 GRUPOS DE TRABALHO

Africanidades e Brasilidades em literaturas e

linguística (GT1)

Coord. Prof. Dr. Amarino Queiroz (UFRN/Nafricab) Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

Africanidades e Brasilidades em educação e

relações étnico-raciais (GT2) Coord. Prof^a. Dr^a Jurema Oliveira

(UFES/Nafricab/Fapes)

15h00 – 21h00 CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

15h00 – 16h00 (Hora do Brasil) 19h00 – 20h00 (Hora de Moçambique /

Conferência de abertura: A educação como factor para a construção de identidades, sentidos de

pertença e de cidadania

Profa. Dra Teresa Manjate (UEM/Moçambique)

Maputo)

17h30 – 18h00 Contação de Histórias: A história é negra

Performance de Monique Rocha

18h00 – 19h00 O poeta Alforriado

Prof. Dr. Godofredo de Oliveira (UFRJ)

19h00 – 20h00 Mesa -redonda: Diálogos Brasil – África

Prof^a Dr^a Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes) Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

20h00 – 21h00 Palestra: Religião de Matriz africana em educação

Prof. Dr. Babalawô Ivanir dos Santos



DIA 24/11/2020 TERÇA-FEIRA

08h30 ABERTURA DA SALA VIRTUAL

09h00 - 11h00 (Hora do MESA DE ESCRITORES

Brasil)

Africanidades e Brasilidades: literatura negra

13h00 - 15h00 (Hora de

Angola)

Luiz Silva (Cuti / Brasil) Êle Semog (Brasil)

Rogério Andrade (Brasil) António Quino (Angola)

14h00 – 16h30 GRUPOS DE TRABALHO

Africanidades e Brasilidades em literaturas e

linguística (GT1)

Coord. Prof. Dr. Amarino Queiroz (UFRN/Nafricab) Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

Africanidades e Brasilidades em educação e

relações étnico-raciais (GT2) Coord. Prof^a. Dr^a Jurema Oliveira

(UFES/Nafricab/Fapes)

14h30 – 20h30 CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

14h30 – 17h30Conversa com escritoras(Hora do Brasil)Geni Guimarães (Brasil)18h30 – 21h30Conceição Evaristo (Brasil)

(Hora de Moçambique /

Maputo)

Lia Vieira (Brasil)

Paulina Chiziane (Moçambique)

17h30 - 18h00 Recital

18h00 – 19h00 Palestra: O significado da comunidade-sagrado-

ancestral na filosofia africana ontem e hoje Prof. Dr. Bas'llele Malomalo (Unilab/Salvador)

19h00 – 20h30 Mesa-redonda: Conhecimentos africanos e negro-

brasileiros na educação institucionalizada Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Unilab/CE)

Prof^a. Dr^a Tânia Lima (UFRN)





08h30 ABERTURA DA SALA VIRTUAL

09h00 - 11h00 MINICURSO

Escritas negras: uma experiência feminista de

afrolatinoamerica

Profa. Dra. Joselina da Silva (UFRRJ)

14h00 – 16h30 GRUPOS DE TRABALHO

Africanidades e Brasilidades em literaturas e

linguística (GT1)

Coord. Prof. Dr. Amarino Queiroz (UFRN/Nafricab) Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

Africanidades e Brasilidades em educação e relações

étnicas-raciais (GT2)

Coord. Profa. Dra. Jurema Oliveira

(UFES/Nafricab/Fapes)

Africanidades e Brasilidades em direitos humanos e

políticas públicas (GT3)

Coord. Prof. Dr. Ivan Costa Lima (Unilab/Nafricab)

17h20 – 19h30 CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

17h20 – 18h00 Oficina de turbante

Josina Maria da Cunha (Pedagogo, estilista de moda Afro.

criadora da grife Afrojô/RJ)

18h00 – 19h00 Palestra: A formação de professores para a Educação

das Relações Étnico-Raciais em tempos de crise

Profa. Dra. Wilma Nazaré Baía Coelho (UFPA)

19h00 – 19h30 Plenária final

Profa. Dra Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)





GT1 Africanidades e Brasilidades em literaturas e linguística

Data: 23/11/2020, 24/11/2020 e 25/11/2020

Horário: 14h00 - 16h30

Local: Online

Coordenação: Prof.Dr. Amarino Queiroz (UFRN/Nafricab) Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

Ementa: Diálogos intertextuais entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil: interfaces língua — literatura - cultura. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e mercado: presença e recepção a partir do contexto brasileiro. Língua portuguesa, expressão crioula e criações na oralidade e na escrita da África oficialmente lusófona: normatividade e ruptura. Autoria africana e negro-brasileira no contexto literário contemporâneo de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literaturas; Linguística; Brasil e África.

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação e Relações Étnico-Raciais

Data: 23/11/2020, 24/11/2020 e 25/11/2020

Horário: 14h00 - 16h30

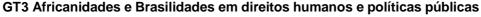
Local: Online

Coordenação: Profa. Dra Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)

Ementa: Este GT terá como principais enfoques: processos educativos e práticas pedagógicas escolares e não escolares de promoção das culturas africanas e afrobrasileiras; implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e suas consequências para a Educação brasileira; ações afirmativas inovadoras a respeito das africanidades e brasilidades na Educação, considerando a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Educação; Formação; Práticas pedagógicas.





Data: 25/11/2020 Horário: 14h00 – 16h30

Local: Online

Coordenação: Prof. Dr. Ivan Lima (Unilab/Nafricab)

Ementa: O GT tem por objetivo discutir os resultados de pesquisas, experiências ou práticas no campo das africanidades e brasilidades e suas interfaces com os Direitos Humanos, pensando os desafios em torno da igualdade perante as leis, bem como a liberdade de pensamento e expressão que envolve o combate ao racismo. Pretende-se discutir, também, as dimensões das políticas públicas direcionadas às relações étnico-raciais em diferentes campos do conhecimento; considerando as ações do Estado, de seus diferentes organismos, as proposições em torno da Cultura, da participação da Sociedade civil em ambientes formais e não formais, constituindo, dessa forma, uma perspectiva multidisciplinar, que problematize a temática em tela, em contextos de mudanças pelas quais passam o Brasil e o mundo globalizado, sem perder de vista os direitos conquistados na luta social.

Palavras-chave: Direitos; Políticas públicas.





GT1 Africanidades e Brasilidades em literaturas e linguística

Data: 23/11/2020, 24/11/2020 e 25/11/2020

Horário: 14h00 - 16h30

Local: Online

Coordenação: Prof.Dr. Amarino Queiroz (UFRN/Nafricab)

Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

DIA 23/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Márcia Neide dos Santos Costa (UEFS)	Estratégias de resistência do povo moçambicano na obra O canto dos escravizados de Paulina Chiziane
2	14h15 – 14h30	Katria Gabrieli Fagundes Galassi (UFES)	O colonialismo e seus desfazimentos pelas personagens femininas em <i>O Alegre</i> <i>Canto da Perdiz</i>
3	14h30 – 14h45	Rafaelly Bonadiman Vieira (UFES) Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)	Pepetela: A configuração da ancestralidade em Mayombe, O tímido e as mulheres e Predadores
4	14h45 – 15h00	Ana Claudia Servilha Martin (UNEMAT)	Mia Couto, história, moçambique: o lugar de pesquisa e memória na literatura de Mia Couto
5	15h00 – 15h15	Isis Demeneghi Lemos da Silva (UFFS) Demétrio Alves Paz (UFFS)	As nuances femininas em <i>Mornas Eram</i> as <i>Noit</i> es de Dina Salústio
6	15h15 – 15h30	Liliana de Almeida Nascimento Ferraz (UESB) Jorge Viana Santos (UESB)	Análise semântica da palavra senhor em cartas régias portuguesas do século XVII
7	15h30 – 15h45	Leticia Gabriele Drey (UFFS) Demétrio Alves Paz (UFFS)	Identidades e Resistências: As mulheres de Cristiane Sobral na luta contra o racismo.
	15h45 – 16h30	Espaço para debate	



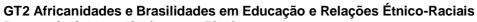
24/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Mithiele da Silva Scarton Demétrio Alves Paz (UFFS)	História e memória: a cumplicidade narrativa em <i>A casa do Pastor</i>
2	14h15 – 14h30	Guilherme da Silva Couto (UFES) Marcela Langa Lacerda (UFES)	A Língua como Invenção de uma Linguística Colonial e a Urgência da Desinvenção
3	14h30 – 14h45	Otávio Klug de Almeida (UFES) Jurema Oliveira (UFES / Nafricab)	"O passado não se esquece. Adormece como semente no fundo da mente. Cai no solo e germina espinhos no presente": ancestralidades e matrilinearidade africanas em O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane
4	14h45 – 15h00	Rita Mychelly dos Santos Salles (UFES) Ana Rita César Lustosa (UFES) Sérgio Rodrigues de Souza (Instituto Educacional Athena)	A representação imagética do afrodescendente nas pinturas de Debret, Brocos, Portinari e Di Cavalcante contextualizando o aspecto político-ideológico brasileiro
5	15h00 – 15h15	Ângela da Silva Gomes Poz (IFF)	A relevância da literatura negro-brasileira para nossa educação: Abrangência e representatividade na prosa de Geni Guimarães.
6	15h15 – 15h30	Cristina Arena Forli (UFRGS)	"Tudo aconteceu nos mastros do poema": espaço e identidade em <i>O útero da casa</i> , de Conceição Lima
7	15h30 – 15h45	Rogerio Mendes (UFRN)	Os Saberes Ausentes da Cidade Letrada
	15h45 – 16h30	Espaço para debate	



25/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Renata Amaral de Matos Rocha (UFMG)	Atos poéticos antirracistas
2	14h15 – 14h30	Rita Mychelly dos Santos Salles (UFES) Ana Rita César Lustosa (UFES) Sérgio Rodrigues de Souza (Instituto Educacional Athena)	A exortação à liberdade e à busca do reconhecimento de si como filhos legítimos da África expressados no poema <i>Descoberta</i> , de Conceição Lima, e <i>Mezungos</i> , de Mia Couto
3	14h30 – 14h45	Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (UEPB) Rafael Francisco Braz (UFRN) Sueli Meira Liebig (UEPB)	O arquétipo da mulher negra à figura da bruxa: dupla colonização no poema a lenda da bruxa, de Conceição Lima
4	14h45 – 15h00	Sabrina Ferraz Fraccari (UFSM) Demétrio Alves Paz (UFFS)	O fantástico em <i>O céu não sabe dançar</i> sozinho, de Ondjaki
5	15h00 – 15h15	Leonardo Gomes de Souza (UFV) Gabriel Romagnose Fortunato De Freitas Monteiro (UFF)	Afrocentricidade: a tradição oral em Conceição Evaristo
	15h15 - 16h30	Espaço para debate	



Data: 23/11/2020, 24/11/2020 e 25/11/2020

Horário: 14h00 - 16h30

Local: Online

Coordenação: Profa. Dra Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)

DIA 23/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Andréia Regina Silva Cabral Libório (PUC/SP) Marina Graziela Feldmann (PUC/SP) Maria Aparecida Custódio Marcolino (PUC/SP)	A presença da educação escolar quilombola no currículo de formação de professores
2	14h15 – 14h30	Michael Dias de Jesus (IFSP)	Carolina Maria de Jesus como possibilidade decolonial de reflexões acerca dos espaços escolares e seus agentes
3	14h30 – 14h45	Adriana Bom Sucesso Gomes (UFMG) Tânia A. Ambrizi Gebara (NEPEI/UFMG) Rogério Correia da Silva (UFMG)	Relações Étnico-Raciais e formação docente no campo da Educação Infantil: estratégias metodológicas em foco na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG/Brasil
4	14h45 – 15h00	Rubens dos Santos Celestino (UFBA) Célida Salume Mendonça (UFBA)	O encruzilhamento do texto narrativo negro para a cena: da metodologia do ensino de teatro à formação étnico-racial do educando(a)
5	15h00 – 15h15	Márcia Juliana da Silva (UNINTER) Maxsuel Pereira Barbosa (UFG)	Letramento literário à luz da lei 10.639/03: uma experiência didática na Escola Estadual Antonio Gröhs
6	15h15 – 15h30	Gabriel da Silva Brito (Unifesp) Edna Martins (NEAB/Unifesp)	Trajetórias escolares de universitários negros e a interseccionalidade entre raça e homossexualidade: uma análise histórico-cultural
7	15h30 – 15h45	Paulo Cesar Pereira de Jesus (UFSB)	Bater tambor e batucar
8	15h45 – 16h00	Thais Fernanda Martins Nascimento (UNIFESP) Bruno Antonio Cerchi (UFPR) Patricia Martins da Silva Nascimento (UNIVAP)	Desafios educacionais e relações étnico-raciais: discussão sobre currículo, desigualdades e diferenças
9	16h00 - 16h15	José Luiz Xavier Filho	Educação básica e relações étnico- raciais dentro da sala de aula: representatividade, cultura e religiões afro-brasileiras
	16h00 – 16h30	Espaço para debate	



DIA 24/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	André Mendes Gomes (IFES) Aldieris Braz Amorim Caprini (IFES)	Perspectivas da história da África na educação brasileira a partir da lei 10.639/2003
2	14h15 – 14h30	Juliana de Souza Ramos (UNESP)	Reflexos, potencialidades e transformações através do Movimento Negro Educador na cidade de Diadema
3	14h30 – 14h45	Dênis Moura de Quadros (FURG)	Invadindo escolas com histórias negras: Os Black Powers de Tayó e Akin, de Kiusam de Oliveira
4	14h45 – 15h00	Carlos Eduardo Ströher (UFRGS) Carla Beatriz Meinerz (UFRGS) Rogério dos Santos (Coordenador CUFA RS – Montenegro)	Narrativas contra-colonialistas em aulas de história: a presença do negro no Vale do Caí
5	15h00 – 15h15	Graziela Maiara Lunkes (UFFS) Demétrio Alves Paz (UFFS)	O conto africano de língua portuguesa na sala de aula
6	15h15 – 15h30	Demétrio Alves Paz (UFFS) Jeize de Fátima Batista (UFFS)	Relações Étnico-Raciais na Educação Básica: práticas do Programa
7	15h30 – 15h45	Tânia Maria dos Santos (IFES) Aldieris Braz Amorim Caprini (IFES)	A História das ideias pedagógicas e a invisibilidade das Pedagogias do Movimento Negro Brasileiro
8	15h45 – 16h00	Marcilene dos Santos Costa (UFBA)	Identidade cultural e o funk: um processo criativo em teatro com jovens e adolescentes na escola
9	16h00 – 16h15	Maria Roberta da Silva (UPE) Clarissa Marques (UPE)	Direito e cartografia: um mapeamento das políticas públicas de educação para comunidades quilombolas em pernambuco
10	16h15 – 16h30	Liliane Rodrigues de Araújo Sérgio Rodrigues de Souza (Instituto Educacional Athena)	O preconceito subjetivo como entrave ao ensino de culturas caracteristicamente de origem africanas
	16h30 -	Espaço para debate	



25/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Vinícius de Luna Chagas Costa (UFRRJ) Cícero de Aquino Costa Simões (UERJ) Diomario da Silva Junior (UFRRJ)	A experiência do trabalho de campo na Baixada Fluminense: disputas epistêmicas na Geografia
2	14h15 – 14h30	Ana Paula Gomes de Carvalho (EMEF Manoel Mello Sobrinho)	Contos afro-brasileiros: experiências literárias para a educação das relações étnico-raciais
3	14h30 – 14h45	Joan Kleber Amorim (Associação de Resgate Histórico e Cultural dos Afrodescendentes) Clarissa Marques (UFPE)	Educação Quilombista: reflexões acerca de uma proposta educacional contra-hegemõnica e afrocentrada
4	14h45 – 15h00	Marcos Antonio Batista da Silva (Universidade de Coimbra)	Discursos étnico-racias e a universidade: pontos para reflexão
5	15h00 – 15h15	Cintia Quina (Unifesp) Edna Martins (Unifesp)	Religiões de matrizes africanas e intolerância religiosa na educação brasileira: um estudo na base de dados da CAPES
6	15h15 – 15h30	Luiz Carlos de Sá Campos (Universidade Estácio de Sá)	Diálogo sobre a desigualdade, exclusão e a etnia: em sala de aula a partir do texto literário
7	15h30 – 15h45	Suéllen Pereira Miotto Lourenço (IFES) Rosana Carvalho Dias Valtão (IFES)	Leitura literária temática no ensino médio: a questão racial em dois contos de Machado de Assis
8	15h45 – 16h00	Rafael Teixeira Ciríaco de Souza (UVV)	A representatividade na educação infantil: um estudo de caso no Pibid
9	16h00 – 16h15	Roziane Costa Conceição (UESPI) Marcos José Soares de Sousa (UEM/PR)	Degustar para conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira: possibilidade do uso da alimentação no ensino de história
10	16h15 – 16h30	Eladio Sebástian Heredero (UFMS) Leandro Costa Vieira (CPAN/UFMS)	Ser preto, ser pardo e incluído: uma análise das práticas e conceitos de inclusão educacional no currículo de um curso de pedagogia
	16h30 -	Espaço para debate	



Data: 25/11/2020

Horário: 14h00 - 16h30

Local: Online

Coordenação: Prof. Dr. Ivan Lima (Unilab/Nafricab)

25/11/2020

N	HORÁRIO	NOME	TÍTULO
1	14h00 – 14h15	Camila Gonçalves Lima Rosa (IFSP) Michele Cristine da Cruz Costa (UNICAMP) Leandro Freitas Sacramento	A influência da educação no desenvolvimento da FNB- Frente Negra Brasileira: na cidade de São Paulo e sua filial em Brodowski
2	14h15 – 14h30	Joana Lúcia Alexandre de Freitas (Faceli) Poliana Barnabé Leonardeli (Faceli) Évilyn Rosa Lirio (Faceli)	1º Fórum linharense do empoderamento negro: a origem do projeto black power
3	14h30 – 14h45	Rugana Indafá (Unilab) Ivan Costa Lima (Unilab)	Religiões de matrizes africanas: bases civilizatórias como política educacional
4	14h45 – 15h00	Maria Alice de Lima Barbosa (UPE) Clarissa Marques (UPE)	Política pública de creches: direito e dignidade para jovens mães quilombolas
5	15h00 – 15h15	Pedro Pulzatto Peruzzo (USP) Isabella Garcia (PUC- Campinas)	A aplicação do conceito de discriminação racial nas recomendações gerais e relatórios anuais do comitê sobre a eliminação da discriminação racial da ONU
6	15h15 – 15h30	Edmundo Fernandes Souza Filho (UNIFESP) Edna Martins (UNIFESP)	Significados e sentidos das cotas raciais como meio de acesso ao ensino superior
7	15h30 – 15h45	Kamai Freire (Mestre - Hochschule für Musik Franz Liszt Weimar)	Os blocos afro e os ideais de autonomia e proatividade na luta anti-racista
8	15h45 – 16h00	Diomario da Silva Junior (UFRRJ) Vinícius de Luna Chagas Costa (UFRRJ) Juliana Nascimento da Silva Avelino (UFRRJ)	O mercado de trabalho e as juventudes negrxs no brasil
	16h00 – 16h30	Espaço para debate	



CONFERÊNCIA DE ABERTURA: AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO COMO FACTOR PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES, SENTIDOS DE PERTENÇA E DE CIDADANIA

Prof^a. Dr^a. Teresa Manjate (UEM/Moçambique)

No contexto da Conferência Africanidades, Brasilidades e Educação pensar a educação como factor para a construção de identidades, sentidos de pertenca e de cidadania permite aproximar dois espaços geograficamente distantes – Brasil e África - porém com muitos sinais (no sentido semiológico do termo) de proximidade. A legitimidade de se pensar a África e o Brasil, de forma metonímica, tomando partes como representação como um todo, sustenta-se em princípios e valores defendidos do pan-africanismo, particularmente por Nkrumah (1977), Maquet (1972), Mudimbe (1988), e da afro-brasilidade proposta por Munanga (2007) e Langa (2012) que se alicerça em fundamentos culturais e de produção de conhecimento. Com o título "A Educação como factor para a construção de identidades, sentidos de pertença e de cidadania", o artigo assenta em três pilares a formação do homem, como sujeito, a africanidade e a brasilidade, numa perspectiva interdisciplinar. A partir dos pressupostos analíticos que envolvem dinâmicas históricas, sociológicas e antropológicas, particularmente da Antropologia Cultural, defendo uma postura epistemológica que explora as oralidades e as literaturas, produções marcadas por uma subjectividade construída, experimentada, e vivenciada a partir da condição de homens e de mulheres nas sociedades africanas e brasileiras, porém em permanente transformação, convergindo para um processo de construção de identidades, de sentidos de pertença e de cidadania.

Palavras-chave: Africanidade; Brasilidade; Educação; Literatura; Oralidade.



PALESTRA

O POETA ALFORRIADO

Prof. Dr. Godofredo de Oliveira (UFRJ)

Em cima de esterco e de alfafa seca. Um caixão comprido mal amarrado e balançando num vagão vazio destinado ao transporte de animais. Ali, dentro do singelo esquife, vai o cadáver de Cruz e Sousa, cuidadosamente acondicionado por mãos piedosas na madeira crua. Terminava assim - o corpo despachado para o Rio de Janeiro num trem de carga - a vida de um dos maiores poetas brasileiros. Era março,dia 19, 1898. Cruz e Sousa tinha 36 anos. A partir do texto em prosa "Consciência tranquila" do poeta catarinense, abordaremos sua vida e sua arte . Cruz e Sousa vem classificado entre os três mais importantes poetas simbolistas do mundo, junto com Mallarmé e Stefan George. " Consciência tranquila" descreve artisticamente os crimes cometidos contra escravos indefesos, horrores sanquinolentos manchados de leite materno, o filho recémnascido agarrado ao peito ouvindo as chicotadas rompendo os pulmões da mãe apavorada. Um rosário de exemplos atrozes, relidos e relembrados no momento da agonia do senhor de escravos, é sublinhado com força poética raramente vista. Querme parecer que esse poema em prosa é a peça literária que melhor traduz, na história da literatura brasileira, os horrores e as injustiças da escravidão. Serão trazidos à cena, nesta conferência, outros poemas do poeta simbolista como ilustração da sua arte poética.



AFRICANIDADES EM TRÂNSITO NAS NARRATIVAS DE DJAIMILIA DE ALMEIDA E JEFERSON TENÓRIO

Prof. Dr. Gustavo Henrique Ruckert (UFJVM)

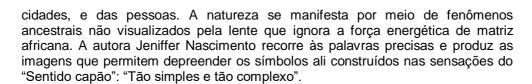
O conceito de africanidades, conforme proposto por Kabengele Munanga (2015), nos permite pensar nas convergências culturais de matriz africana para além dos limites territoriais. Ao levarmos o conceito para a literatura, são diversos os autores que, em condição de diáspora, carregam traços de africanidade em seus textos. Neste trabalho, abordaremos dois deles: Djaimilia Pereira de Almeida, que possui dupla cidadania, angolana e portuguesa, e Jeferson Tenório, escritor negro-brasileiro (CUTI, 2010). A literatura de ambos é marcada pelos deslocamentos de sujeitos negros em busca de condições mais dignas de vida em Portugal e no Brasil, respectivamente. Nesse sentido, o racismo, o patriarcado, a violência, o desfavelamento, são alguns dos temas frequentes em suas obras. Para esta análise, elencamos os romances Luanda, Lisboa, Paraíso (2019) e Estela sem Deus (2018). Os pressupostos teóricos para a análise, que transitam entre os estudos literários, geográficos e culturais, estão calcados nas obras de Stuart Hall, Achille Mbembe, Milton Santos, Boaventura de Sousa Santos e Grada Kilomba.

Palavras-chave: Africanidades; migrações; literatura.

JENIFFER NASCIMENTO: FERTILIZAR PARA POETIZAR

Prof^a. Dr^a. Jurema Oliveira (UFES/Nafricab/Fapes)

O presente ensaio tem por objetivo traçar os parâmetros literários elaborados por meio das experiências, vivências e da solidariedade resultante da afro-brasilidade materializada no solo fértil do discurso poético. As palavras são a razão da poesia, elas produzem as imagens literárias fixando a voz daqueles personagens que não tem voz no plano empírico. Com o verbo tecemos as estruturas sintáticas, morfológicas, semânticas para fertilizar os sonhos que não são vendidos em nenhuma liquidação das "certezas" não condizentes com os princípios dos herdeiros da africanidade. A composição poética de Jeniffer Nascimento repousa na reflexão, valorização e crítica pautada na dicção que visualiza o individuo na sua dinâmica social, ideológica, filosófica e espiritual para produzir a história imagética de tempos e lugares que encontram na terra fértil a territorialidade emancipadora, já que o sujeito poético moldado na "Identidade" africanizada não cabe em uma "foto 3X4". Principalmente quando o personagem poético recebe um "Envelope amarelo" simbolizando a senhora das águas doce para abrandar as sensações "de um abril despedaçado". O acolhimento metafórico é feito pelo orixá das águas para transformar o "O grito [...] entalado na garganta" em sorriso simbolizado no poema "Inspiração" aonde a "filha da rua, amante da noite" está protegida mimeticamente pelo orixá Exu, guardião dos templos, das casas, das



Palavras-chave: Fertilizar; Discursar; Poetizar.



PALESTRA

O SIGNIFICADO DA COMUNIDADE-SAGRADO-ANCESTRAL NA FILOSOFIA AFRICANA ONTEM E HOJE

Prof. Dr. Bas'llele Malomalo (Unilab / Salvador)

A ancestralidade tornou-se, na atualidade, uma categoria central para se pensar o destino de povos negros no continente africano e nas diásporas negras. Esse trabalho pretende analisar essa categoria a partir dos textos da antiguidade e contemporaneidade africanas destacando diferentes sentidos que lhe foram e vem sendo atribuídos ao longo da e na história. Nesse sentido, interessa-nos as zonas culturas africanas de Egito antigo (Obenga, 1995), bambara (Bâ, 2010), yoruba (Leite, 2000) e kongo (Faik-Zunji, 2000; Fu-Kiau, 1980). Trata-se de um trabalho sócio-filosófico que se estrutura no método genético-estrutural (Bourdieu, 2002), ou seja, fundamentase em duplo dispositivo na busca de compreensão do conceito de ancestralidade: o uso da história social para se compreender o processo de produção social desse termo/conceito e a sua disputa e ressignificação no contexto africano e afrodiaspórico. O argumento que o autor defende, inspirando-se no filosofo Ntumba (2014), é preciso usar o termo comunidade-sagrado-ancestral, em vez somente de ancestralidade, para se compreender esse conceito na sua complexidade. Ancestralidade, nesse sentido, é vista como uma força vital, um processo de transformação cósmica que conduz a comunidade-universo-natureza e a comunidade-bantu.

Palavras-chave: Ancestralidade; Imortalidade; Divinização; Tempo-espaço.



A NATUREZA DA VOZ ANCESTRAL INDÍGENA

Prof^a. Dr^a Tânia Lima (UFRN)

As histórias simples são muito perigosas, porque elas podem nos levar a querer passar da cilada verbal para uma linguagem carregada que põem o verbo na condição humana do que nomeia e das coisas que nomeia. O simples quer filosofar o tempo inteiro. O simples filosofa para dar conta do ato de contar. Cada memória é concretizada pelo poder sugestivo de uma simples palavra. Importante lembrar que não é só de miséria vive a fala da escrita marginalizada. A voz híbrida da palafita, o hip hop da periferia,o rap do subúrbio, kunduro dos musseques, ou o ateísmo da tribo dos pirahãs, clamam em verdade por novos sonhos, por novos contextos, novas formas de serem felizes, longe daquele modelo ocidental crucificado. Quem fala da natureza, tem representação de que forma? Quando falamos, lembramos. Quando lembramos, trazemos através das margens o legado ancestral da memória. Pensar dói, escrever dói, viver dói, falar dói mais ainda, pois coloca as lembranças das perversidades do trauma colonial na linha da superfície. Como falar por todos os ninguém?

Palavras-chave: Natureza; voz ancestral; indígena.

CONHECIMENTOS AFRICANOS E NEGRO BRASILEIROS NA EDUCAÇÃO INSTITUCIONALIZADA

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Unilab)

Há uma questão específica, uma constatação: nos últimos séculos, os Africanos e Afrodescendentes ficaram numa posição subalterna e sob olhares dos outros. De acordo com Valentim Mudimbe (1988), vários discursos estabelecem por si próprios os universos de saberes e do conhecimento no seio dos quais as pessoas concebem a sua identidade. Muitos pesquisadores, sobretudos, das áreas humanas e sociais construíram seus sabres e conhecimentos com a bases dos conceitos e epistemologias ocidentais para analisar as culturas Africanas e afrodescendentes. Por conseguinte, introduziram distorções cuja influência se fez sentir não apenas nos estrangeiros, mas também nos próprios africanos e Afrodescentes à medida que procuraram compreender-se a si próprios. Diante das consequências incomensuráveis do processo secular da colonização e escravização destacamos a resistência e/ou a negação da implementação de conhecimentos e saberes africanos e afrodescendentes na educação institucionalizada. Neste contexto, urge analisar e rever as nossas práticas acadêmicas, e as produções de conhecimentos e saberes: o que produzimos, como produzimos, e qual é a finalidade das produções dos nossos sabres e conhecimentos? E todos saberes humanos e sociais estão integrados na educação institucionalizada? Não há outras instituições fora das Universidades que produzem saberes? Como legitimar



esses saberes? É possível transformar, integrar e/ou complementar a dependência silenciosa da episteme ocidental? Poderá, então, ser possível renovar a noção de tradição científica através novas e outras paradigmas, epistemes de ruptura e/ou complementaridade na dinâmica de estudos africanos e Afro-descendentes? Esse é um vasto programa que transcende, em vários aspectos, a lógica e dinâmica de produção de conhecimentos e saberes na educação institucionalizada de tradição ocidental na qual somos, atualmente, reféns das práticas metodológicas em quase todos os campos de produção saberes, disciplinas. Neste contexto, as mudanças de paradigmas (KUHN, 2007) exigem um gênio próprio, metodologias e epistemologias específicas de produzir gnosis/saberes e conhecimentos. É dever de pesquisadores/as com uma certa racionalidade e sensibilidade intelectual honesta, desenvolver as pesquisas de caráter libertadora, que passa pela procura de uma "arqueologia da gnose africanas e Afrodescentes enquanto sistema de conhecimento e sabres específicos no seio do qual emergiram recentemente importantes questões filosóficas: em primeiro lugar, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao estilo da 'africanização' e afro-diaspórico do conhecimento; em segundo lugar, no que concerne ao estatuto dos sistemas de conhecimento que perpassam pela dinâmica da Ancestralidade e demanda o recurso metodológico da tradição oral, (HAMPATE BÂ, 2010; VANSINA, 2010) e interdisciplinaridade(KI-ZERBO, 2010) interlaçando várias ciências, conhecimentos e técnicas. Mas a sua aplicação, às vezes, torna-se difícil e resistente pela sua disciplinaridade das metodologias próprias de cada disciplina e pela influência dos hábitos particulares em que se acham cristalizados os próprios pesquisadores preocupados de manter uma espécie de soberania territorial epistemológica. Todavia, essas "muralhas" disciplinares vão desmoronando progressivamente. Trata-se, todavia, de rever e restituir aqueles que passaram pela dominação colonial ou a quem, num dado momento da história, a sua humanidade foi apagada e/ou roubada, a recuperação desta parte da humanidade passa muitas vezes pela proclamação da diferença (MBEMBE, 2014). È retrato de grupo de seres humanos esquecido pela história, convocados para relatar uma experiência em si mesma fragmentada, a de um indivíduo, uma família, um povo em pontilhado, lutando para se definir não como compósito absurdo, mas como comunidade humana cujas manchas de sangue são visíveis em toda modernidade onde o silêncio prevalece e onde a "dogma" da suposta "cientificidade" envergonha a humanidade consciente.

Palavras- chave: Epistemologias; Saberes; Conhecimentos Africanos; Afro-brasileiros.

PALESTRA: RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA EM EDUCAÇÃO

HISTÓRIA SOCIAL DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Prof. Dr. Babalawô Ivanir dos Santos (UFRJ)

A intolerância religiosa é um dos maiores desafios sociais e políticos na contemporaneidade. No momento atual assistimos uma grande discussão, nos vários nichos sociais, sobre a intolerância religiosa no país. Tal fenômeno vem acompanhado de um crescimento dos grupos neopentecostais, que têm ocupado diferentes esferas políticas, sociais e econômicas, e com isto têm propagado os seus discursos intolerantes, cujos principais alvos são os adeptos das religiões de matriz africana. Fruto do desenvolvimento da ideologia racista, fomentada entre os séculos XVII e XIX, a intolerância religiosa serviu para justificar a dominação e a colonização das populações negras em África, o traslado e a escravidão dos mesmos nas Américas, principalmente no Brasil. Destarte, a presente palestra tem por objetivo fazer brevíssimas apresentações sobre o surgimento da intolerância religiosa no Brasil, desde sua gênese se formação social até á contemporaneidade.



PALESTRA

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM TEMPOS DE CRISE

Prof^a. Dr^a. Wilma Nazaré Baía Coelho (NEAB / GERA / UFPA)

A palestra versa sobre os desafios que o contexto atual nos impõe em âmbito da formação de professores. De maneira especial, em relação ao atual ambiente educacional e político com perspectivas conservadoras e excludentes, no que tange à restrição de direitos e conquistas. Tais questões estão relacionadas, também, às políticas públicas; e os seus desdobramentos em relação à formação Inicial de professores submetida à BNCC, com claro recuo às políticas de caráter afirmativo. Assim, nosso compromisso coletivo será o de resistir, sobretudo com ênfase na luta à subversão do currículo eurocêntrico proposto por essas atuais políticas de formação Inicial, de modo especial à Licenciaturas, e seus impactos concretos na Educação Básica.



AS MARCAS ANCESTRAIS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Prof^a. Dr^a. Jurema Oliveira (UFES/Nafricab)

O presente minicurso tem por objetivo ler criticamente as marcas da ancestralidade em narrativas contemporâneas de língua portuguesa, procurando depreender em que medida os escritores sinalizam a presença de elementos estruturais referentes à construção dos ancestrais no espaço ficcional. O suporte teórico para fundamentar esse estudo será buscado nos estudos sobre a memória, sobre oralidade, na Teoria da Literatura e na Antropologia. As obras selecionadas são: Terra sonâmbula (1993), de Mia Couto, A morte do velho Kipacaça (2004), de Boaventura Cardoso; As andorinhas (2013), de Paulina Chiziane; Ponciá vicêncio (2003), de Conceição Evaristo; Diário de Bitita (2007), de Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave: África; ancestralidade; divindade; oralidade; memória; ficção.



ESCRITAS NEGRAS: UMA EXPERIÊNCIA FEMINISTA DE AFROLATINOAMERICA

Prof^a. Dr^a. Joselina da Silva (UFRRJ)

O minicurso se propõe instigar exercícios de criatividade e de pensamento crítico a ser expresso através da palavra escrita, bem como, propiciar que, através de diversas metodologias e dinâmicas, os participantes possam vir a ser dinamizadores de minicursos ou oficinas similares. Trata-se, portanto, de oportunizar produções coletivas e individuais de escrita ficcional, bem como propiciar que ao final, cada participante possa criativamente reproduzi-lo em diferentes contextos (salas de aula, palestras, momentos de reflexão, introdução de um determinado tema, reuniões do movimento social, entre outros). Baseada em elementos da cultura afro-brasileira e suas influências e perspectivas, objetivamos auxiliar no processo de facilitar apresentações de temas, nem sempre fáceis de serem abordados - tais como racismo e sexismo - mediante diferentes plateias. Sons, imagens e textos serão os auxiliares no desenvolvimento da atividade. O poder da palavra escrita e recitada pode provocar desvelamento e protestos, silêncios e revoluções. Trata-se, portanto, do compartilhar de uma nova metodologia de abordagem e transmissão de conhecimento que pode nos transmutar - e aos participantes - para além das frias paredes das salas de aula ou de reuniões, onde estejamos em posição de coordenador (a). Falamos, portanto, de experiências sensoriais retransmitidas pela palavra sonora e imagética reproduzidas no ato de fixar no papel, baseando-se na simplicidade e diversidade do momento ficcional. Reiteramos que cada participante ao final transformar-se-á em poeta - caso ainda não o seja- e em coordenador (a) de minicursos similares em suas diferentes áreas de atuação. As técnicas e metodologias aplicadas estarão em amplo diálogo com as heranças fartamente distribuídas na diáspora africana. Solicitamos aos participantes que levem uma caneta, pelo menos oito folhas de papel ou preferencialmente um caderno ou bloco de notas. O ideal é que haja um número máximo de trinta participantes.



ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DO POVO MOÇAMBICANO NA OBRA O CANTO DOS ESCRAVIZADOS DE PAULINA CHIZIANE

Márcia Neide dos Santos Costa (Mestra - UEFS)

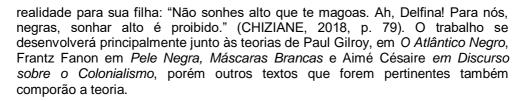
Este trabalho tem o objetivo de falar sobre a resistência do povo moçambicano, através da obra de poesias O canto dos escravizados (2018), da escritora mocambicana Paulina Chiziane. É a obra mais recente da autora e apresenta versos que sugerem cantos de lamentos, dor, revolta, mas também de enfrentamento, força e luta. É uma escrita áspera que ao mesmo tempo transmite esperança e alento para os africanos no continente e na diáspora. Os poemas revelam um canto ancestral, espiritual. Portanto, faremos a análise de alguns desses poemas para demonstrar as estratégias de Chiziane de continuar resistindo e existindo, com a coragem para enfrentar as novas formas de colonização. Paulina Chiziane se considera contadora de histórias e foi a primeira mulher a publicar um livro em Moçambique com a obra Balada de amor ao vento (1990). Em seguida, Chiziane passou a publicar outros livros entre romances e contos: Niketche: uma história de poligamia (2002), As andorinhas (2013), entre outros. Sua escrita é potente, provocativa, urgente e nos faz repensar sobre o olhar ocidental e estereotipado que ainda existe em torno da África, sobretudo Moçambique. Utilizaremos como suporte teórico Ana Rita Santiago (2019), Tânia Lima (2013), Tânia Tomé (2013), entre outros.

Palavras-chave: Poesia: Resistência: Paulina Chiziane.

O COLONIALISMO E SEUS DESFAZIMENTOS PELAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Katria Gabrieli Fagundes Galassi (Mestra - UFES)

Na obra de Paulina Chiziane *O Alegre Canto da Perdiz* as personagens se destacam pelas rupturas que produzem ao longo da obra, a partir das quais novas narrativas se formam e novas histórias se entrelaçam ou se desfazem. Com enfoque em Delfina, esse trabalho propõe analisar sua trajetória como mãe, filha e esposa numa terra colonizada por portugueses que, no ventre da terra e no ventre dessa mulher, deixaram marcas eternizadas. O corpo feminino pode ser apresentado como objeto de transgressão e aversão às regras impostas pelos colonizadores numa terra que se apaga as tradições a partir da chegada de uma cultura europeizada, mas que resiste a isso por meio dos saberes ancestrais nas figuras do pai de Delfina, do pai espiritual de seu marido José e do curandeiro Simba. Por outro lado, Serafina, mãe de Delfina, sabe do fardo que sua cor carrega nessa terra onde a força branca prevalece e é ela quem desnuda essa



Palavras-chave: Decolonialidade; Ancestralidade; Corpo Feminino.

"TUDO ACONTECEU NOS MASTROS DO POEMA": ESPAÇO E IDENTIDADE EM *O ÚTERO DA CASA*, DE CONCEIÇÃO LIMA

Cristina Arena Forli (Doutoranda - UFRGS)

A existência é marcada pelo espaço que habitamos. A partir do espaço são definidas nossas posições enquanto sujeitos históricos; compreendemos o mundo, o outro, nós mesmos, bem como atuamos diante destes. O espaço suscita a problematização sobre o pertencimento, a negociação sobre as identidades. Em *O útero da casa*, publicado em 2004, pela são-tomense Conceição Lima, o espaço da casa já é mencionado no título associado ao órgão feminino capaz de gerar a vida. Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre a relação entre espaço e identidade nos poemas de Conceição Lima, tendo como suporte teórico os estudos pós-coloniais.

Palavras-chave: Espaço; Identidade; Conceição Lima.

AS NUANCES FEMININAS EM *MORNAS ERAM AS NOITES* DE DINA SALÚSTIO

Isis Demeneghi Lemos da Silva (Graduanda – UFFS) Demétrio Alves Paz (Doutor – UFFS)

O objeto de estudo deste trabalho é a obra Mornas eram as Noites (1994), de Dina Salústio, composta de trinta e cinco narrativas curtas, cujo tema mais recorrente são as vivências femininas na Ilha de Cabo Verde. Nos contos, revela-se um forte humanismo, na busca pela compreensão dos costumes, na cultura e nas histórias de mulheres de diversas idades e classes sociais. Desta forma, no decorrer dos contos, fazem-se questionamentos a respeito da subalternização da mulher na sociedade cabo-verdiana, destacando a maior vulnerabilidade das mulheres pobres. O que pode ser percebido no conto "Forçadamente mulher, forçosamente mãe", no qual uma condição patriarcal é denunciada ao relatar a história de Paula, uma jovem que aos 16 anos carregará o fardo de ser mãe solo, denunciando divergências entre os papéis desenvolvidos por homens e mulheres quando se trata da maternidade (paternidade), reforçando um padrão de hierarquias reprodutivas, ou seja, quando a mãe se torna responsável parcialmente ou em totalidade pela criação de seus filhos, sem contar com amparo do pai ou do Estado. Nos contos de Salústio ocorre o reconhecimento de mulheres conscientes de seu papel e de sua sexualidade em uma sociedade onde impera o

patriarcalismo. Podemos notar isso no conto "Morrer de Amor" quando se desnovela uma história de paixão com narração em primeira pessoa, o que permite inferir a possibilidade de um relacionamento lésbico com intenso apelo romântico e sensual. Dessa forma, concluímos que a escrita de Dina Salústio levanos à diferentes compreensões sobre tudo aquilo que significa ser mulher, ser mãe, ser humano, manifestar sua sexualidade, sua consciência e sua voz na sociedade cabo-verdiana. A escrita autêntica e questionadora de Salústio coloca em xeque as dificuldades vividas por aquelas que foram caladas durante séculos, dando, assim, uma nova visão sobre a vivência das mulheres de Cabo Verde.

Palavras-chave: Conto africano de língua portuguesa; Feminismo; Literatura caboverdiana.

MIA COUTO, HISTÓRIA, MOÇAMBIQUE: O LUGAR DE PESQUISA E MEMÓRIA NA LITERATURA DE MIA COUTO

Ana Claudia Servilha Martins (Doutoranda – UNEMAT)

O escritor moçambicano Mia Couto em suas obras literárias traz o passado como um lugar de pesquisa e memória. O cuidado dispensado aos liames da história de Moçambique aparece quase que em totalidade em suas narrativas, pois, para o autor, esse país é uma história a ser (re)contada. Os "fios das missangas" existentes entre a África e a Europa são costuradas pela mão inventiva e poética miacoutina. Nesse viés, devido autor lança várias possibilidades possíveis de análise sobre os acontecimentos históricos, políticos e culturais do país africano. Os teóricos basilares desta pesquisa são: Edward Said (2006), Jacques Le Goff (1996), Maurice Halbwachs (2006) e Stuart Hall (2013).

Palavras-chave: Literatura; História; Mia Couto; Moçambique.

ANÁLISE SEMÂNTICA DA PALAVRA SENHOR EM CARTAS RÉGIAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XVII

Liliana de Almeida Nascimento Ferraz (Doutoranda – UESB) Jorge Viana Santos (Doutor – UNICAMP)

Este trabalho está vinculado a uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na qual estudamos sentidos de senhorio em legislações do período escravista brasileiro. Aqui, por recorte, analisamos funcionamentos semânticos estabelecidos pela palavra senhor em cinco cartas régias portuguesas datadas do século XVII. As cartas régias eram, conforme Lara (2000, p. 25-26), documentos legais que, dirigidas a uma autoridade ou pessoa determinada, constituíam uma ordem real. Procura-se responder a questão: Que designações tem a palavra senhor nas cartas régias? Para tanto, mobilizando pressupostos da Semântica do Acontecimento, tal como postulada em Guimarães (1989, 1996, 2002, 2011), buscamos comprovar a seguinte hipótese: nas cartas régias, senhor é designado como vassalo do rei, o que, paradoxalmente, assegura

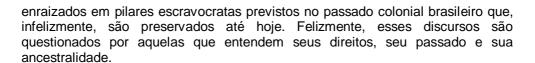
a ele o poder e o direito de dizer nos embates entre senhor e escravo. Após a identificação e levantamento das ocorrências, partimos para a descrição e análise semântica dos enunciados. Nas cartas analisadas, a palavra senhor é reescriturada por substituição através de nomes que funcionam, no acontecimento, como sinônimos, tais como moradores, dono. As análises mostraram também que a palavra senhor é articulada por predicações, tais como castigam com crueldade, moderado castigo, obram contra a caridade. As análises propostas confirmam a hipótese levantada, segundo a qual a palavra senhor refere-se ao vassalo do rei, mas este é, sobretudo, o dono do escravo, de modo que as determinações do rei buscavam regulamentar os castigos, sem, entretanto, afetar o poder dos senhores.

Palavras-chave: Senhorio; Legislação; Semântica.

IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS: AS MULHERES DE CRISTIANE SOBRAL NA LUTA CONTRA O RACISMO

Leticia Gabriele Drey (Graduanda – UFFS) Demétrio Alves Paz (Doutor - PUCRS)

Este trabalho apresenta uma pesquisa ligada ao projeto de pesquisa "O conto afro-brasileiro de autoria feminina no século XXI", realizada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo - RS. O presente estudo analisa como as mulheres negras assumem a sua negritude e, desse modo, apropriam-se de sua identidade em um país constituído sob ideias racistas. Analisamos três contos presentes no livro O tapete voador (2016), de Cristiane Sobral, que são: "O tapete voador", "Pixaim" e "Elevador de serviço". A partir deles, percebemos como as mulheres protagonistas das histórias contrariam as imposições racistas determinadas sob seus corpos e abraçam suas identidades como forma de resistir a esse sistema persistente no âmbito profissional e pessoal. Além disso, destacamos a relevância da literatura afro-brasileira de escrita feminina para a ocupação de um local de fala e o princípio de uma autorrepresentação das condições de vida da mulher negra. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica em fontes primárias: os textos literários da escritora e estudos sobre eles em revistas acadêmicas, anais de congressos e obras coletivas ou individuais de estudos sobre a literatura afro-brasileira. Igualmente, informações retiradas de jornais sobre a prosadora, assim como entrevistas disponíveis on-line. Os resultados obtidos demonstram que, por meio da escrita da autora, os estereótipos que cercam as mulheres negras são derrubados e ocorre a exaltação dos traços biológicos e culturais que as caracterizam. Ademais, é verificável que essas mulheres, com uma autorrepresentação própria, buscam resistir ao racismo e ao branqueamento, ambos, tentativas de fazê-las recusar a identidade negra, tão subjugada pelos brancos. Em "O tapete voador" e "Pixaim", as personagens precisam se apoiar em suas próprias convicções acerca do que são e dos seus respectivos lugares no mundo para contrapor a pretensão de outros sobre seus corpos. Em "Elevador de serviço", a mulher negra, ao sofrer racismo, rebate as ideias fechadas que permeiam uma coletividade, e demonstra como o racismo deve ser combatido com posturas mais radicais, por meio de atos e não só de palavras. A vista disso, conclui-se que as personagens são mulheres gloriosas, pois derrotaram discursos



Palavras-chave: Autoria feminina, Conto, Cristiane Sobral.

ATOS POÉTICOS ANTIRRACISTAS

Renata Amaral de Matos Rocha (Doutora – UFMG)

Os atos poéticos antirracistas foram desenvolvidos no âmbito do Projeto de Extensão Manifestações Poéticas, vinculado ao Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG, tendo sido produzidos pelos professores em formação e educandos da educação de jovens e adultos. Trata-se de uma proposta de formação pelo poético, que pode estar ligada a toda e qualquer esfera de aprendizado dos sujeitos e fundamenta-se em reflexões de importantes estudiosos da literatura, da filosofia, da educação. Na educação, a leitura de mundo em diálogo com a leitura e a escrita da palavra possibilita ao sujeito reescrever e transformar o mundo, como propõe Freire (1982/1996), emergindo o valor da literatura, especialmente, da poesia, como ferramenta indispensável para aprendizagem e para a construção e desenvolvimento da consciência negra por toda a comunidade escolar. Com base em Barthes (2007), consideramos que o discurso da Ciência traz o saber como sendo um enunciado, enquanto o discurso literário apresenta o saber como enunciação. Para o filósofo francês, a escritura faz do saber uma festa (2007) e se encontra onde as palavras têm gosto, sabor e, assim, denotam profundidade. Barthes assegura que, no âmbito do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo (BARTHES, 2007). Ao considerarmos a experiência de vida e refletirmos sobre o ato de expressar, o poema como conhecimento aproxima-se do cotidiano e da filosofia. O texto poético talvez não ostente o prestígio que o discurso científico tem em nossa sociedade, nem mantem semelhança com sua estrutura, nem quantifica ou classifica episódios. Todavia, o texto poético sugere uma compreensão dos fatos, de acordo com Paviani (1996), para quem a poesia como conhecimento rompe a distância entre o organizar e o efetivar a experiência, pois ela é concomitantemente pensar, conhecer e saber fazer. [...] A poesia como conhecimento exige a conjugação dos saberes (PAVIANI, 1996, p.136-139). Nesta perspectiva, o Projeto Manifestações Poéticas foi idealizado para oportunizar a fruição da literatura, da arte e expressão dos sujeitos, em especial dos/as educandos/as da EJA, em articulação com uma causa social para o desenvolvimento de uma postura cidadã. No âmbito deste projeto, o primeiro ato poético abordou a temática da consciência negra. Metodologicamente, desenvolvemos um trabalho de leitura, interpretação e reconhecimento de poetas negros e poetizas negras. Realizamos seminários para promover o diálogo sobre os textos, os autores e suas representações sociais. Em seguida, abordamos o tema racismo estrutural no Brasil com as turmas. Promovermos, também, um ciclo de palestras e debates sobre o assunto em foto e convidamos representantes do movimento negro para abordarem temas correlatos ao assunto e conversarem com todos os estudantes que compõem as turmas da nossa EJA. Para



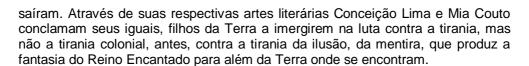
finalizarmos o trabalho com os estudantes jovens e adultos, propusemos a eles a elaboração de poemas antirracistas e a gravação audiovisual dos mesmos, para divulgamos nas redes sociais da escola como atos poéticos antirracistas, usando a poesia como recurso para alcançar os sujeitos de nossa sociedade.

Palavras-chave: Poesia; Ato poético; Manifestações poéticas.

A EXORTAÇÃO À LIBERDADE E À BUSCA DO RECONHECIMENTO DE SI COMO FILHOS LEGÍTIMOS DA ÁFRICA EXPRESSADOS NO POEMA DESCOBERTA, DE CONCEIÇÃO LIMA, E MEZUNGOS, DE MIA COUTO

Rita Mychelly dos Santos Salles (Mestranda - UFES) Ana Rita César Lustosa (Mestranda - UFES) Sérgio Rodrigues de Souza (Doutor - Instituto Educacional Athena)

Este artigo aborda uma temática política, retratada ao sabor da pena de dois escritores africanos, a saber Conceição Lima, natural de São Tomé e Príncipe e Mia Couto, natural de Moçambique. A sua relevância científica encontra-se no fato de explorar um assunto tão complexo como a colonização, a exploração do Continente Africano e em seguida, a identificação com o agressor, como se ele representasse a verdadeira essência histórico-cultural do povo africano. A sua relevância social encontra-se na capacidade com que ambos os autores utilizam da arte literária poética e prosaica para apresentar ao público em geral, leigo e especializado a questão da submissão, da apatia, da esperança vã e da necessidade de que se lute para vencer os estereótipos colocados sobre uma nação inteira. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, factual, exploratória, analítica e descritiva, fundamentada na análise hermenêutica literária clássica, na análise filológica, na análise do discurso, na análise de conteúdo e na análise interpretativa intertextual, por se tratar de duas formas de expressão línguísticoliterária, a poesia e a prosa. O poema de Conceição Lima é escrito em uma poética que expressa a influência judaico-cristã em meio a um ambiente de desolação provocado pela conquista e dominação em que se prometia o paraíso na Terra para aqueles que participavam da revolução. Ela expõe que não existe uma terra prometida para além do horizonte e conclama seus companheiros a compreensão de que ali era seu lar, logo, porque delegar toda a administração a terceiros, a forasteiros? Mia Couto, por meio de seu conto apresenta a situação política de dicotomia entre os nativos negros e os brancos, que àquela altura já eram nativos também, daí a expressão do homem, ao dizer que eram negros também. Havia aqueles que entendiam a questão da raça, da cor da pele, estando ligado à Terra, ao princípio da tradição e de outro lado, estavam aqueles que entendiam o patriotismo como sendo questão de registro civil. Mia Couto e Conceição Lima tratam do mesmo tema, que é a apropriação não apenas do território africano pelos europeus, como a uma destruição de sua cultura, em nome de uma mais poderosa e considerada mais bela. Prometeram o paraíso em nome de uma geração de força que se transformou em um estado de violência e mesmo depois de que se passa toda a violência da ditadura, advém a pior das ditaduras, a da realidade, forçando a todos a enfrentar a vida e a ver que o Paraíso Perdido, a Terra Prometida esteve debalde seus pés durante toda a jornada, de onde jamais



Palavras-Chave: Conceição Lima; Mia Couto; Liberdade; Identidade.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CUMPLICIDADE NARRATIVA EM *A CASA DO PASTOR*

Mithiele da Silva Scarton (Graduada) Demétrio Alves Paz (Doutor - PUCRS)

O presente trabalho, relacionado ao estudo desenvolvido pelo projeto de pesquisa Mulheres fortes: O conto africano de língua portuguesa de autoria feminina (PROBIC/FAPERGS), pretende analisar a relação e movimento dos narradores na obra de contos A casa do pastor (2011). da escritora santomense Olinda Beja. Para isso, partimos da perspectiva teórica de Gérard Genette, que desenvolve os conceitos de narrador homodiegético, autodiegético e heterodiegético, na obra Figuras III (2017). Dentro da análise, percebemos a cumplicidade existente entre os narradores da obra e como estão ligados a isso os conceitos de história e memória. Os contos da casa do pastor são o meio pelo qual as narrativas se desvelam em relatos de uma vida, como a própria autora afirma. O narrador, enquanto agente responsável pela narração dos acontecimentos, desempenha o papel central do que se propõe a análise desse trabalho quando oscila de uma narrativa a outra. Dentro dos 17 contos presentes na obra, temos em um primeiro momento um narrador principal (não nomeado) que explica o surgimento da obra e a relevância das histórias, em um segundo momento encontramos João Grilo como narrador, aquele que expressa suas vivências de anos passados. Tem-se ainda, mas não menos relevante, lembranças de uma avó que também é a narradora de suas histórias. O que nos chama atenção, em especial, são as manifestações do narrador principal dentro das histórias de João Grilo, mostrandose mediador e confidente desse personagem, o que nos leva a analisar tal participação e identificar sua relação e função no texto como um todo.

Palavras-chave: Literatura africana; Narrador; História; Memória.

A LÍNGUA COMO INVENÇÃO DE UMA LINGUÍSTICA COLONIAL E A URGÊNCIA DA DESINVENÇÃO

Guilherme da Silva Couto (Graduando - UFES) Marcela Langa Lacerda (Doutora – UFSC)

No âmbito dos estudos linguísticos, há muitas e até divergentes concepções sobre língua. Ancorado nos estudos da Linguística Colonial (SEVERO; MAKONI, 2014; DEUMERT, 2010; 2015; MAKONI; PENNYCOOK, 2015; SEVERO, 2016; 2017, dentre outros) e considerando a crítica pós-colonial latino-americana de práticas e discursos hegemônicos que resultam do projeto colonial da modernidade (SANTOS, 2008; WALSH, 2009; MIGNOLO, 2017), este trabalho orienta-se pela





compreensão de que as línguas, vistas como categorias separáveis e enumeráveis, são uma invenção, nascida no bojo de um campo epistêmico positivista que marca o próprio nascimento da Linguística enquanto ciência, o que significa que as línguas foram discursivizadas com fins de gestão e controle dos povos (e das terras), na empreitada "civilizatória", apresentada nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia. Nesse sentido, considerando que o contexto europeu é tomado como fundamento da (história geral da) Linguística, em muitos manuais sobre a matéria, e que determinadas práticas de pesquisa linguística ainda se orientam por ideais positivistas (com pretensões universais, generalizantes, fazendo distinção entre sujeito e objeto, natureza e sociedade, conhecimento científico e outras formas de conhecimento etc.), seguindo a lógica colonial, este trabalho reflete, por meio de pesquisa bibliográfica, sobre a seguinte questão, já posta em Severo (2017): o quanto as diversas pesquisas em Linguística e em Linguística Aplicada têm contribuído para a manutenção de um sistema econômico que reforça privilégios e assimetrias entre os sujeitos, favorecendo uns em detrimento de outros? As reflexões apontam, dentre outros aspectos, para: (i) a necessidade de uma revisão epistemológica e política (a que resistimos, diferentemente dos estudos literários) no âmbito da Linguística, a fim de que certas representações da língua não contribuam para a hierarquização, classificação e segregação dos sujeitos; (ii) a indispensabilidade, para essa revisão, da perspectiva dos povos colonizados (dentre os quais, o povo preto brasileiro), para construção de uma ética a partir das margens, da periferia; (iii) o dever de se relativizar a tradição de práticas de pesquisa que reafirmam o valor econômico de certas línguas (justamente as europeias, em detrimento de outras, como as africanas), ao focalizá-las, exclusivamente, em pesquisas sobre "metodologias de ensino de línguas" e em cursos institucionais universitários, abrindo-se mão, por exemplo, de uma problematização acerca da relação entre língua e poder e dos conceitos de língua de diferentes povos; (iv) a implementação de um ensino de língua que amplie, em muito, a própria concepção de língua, a fim de que os povos possam se expressar em seus próprios termos. Todos esses pontos parecem fundamentais para se pensar em caminhos para a implementação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que não convoca apenas uma restruturação educacional e/ou cultural, mas também uma reestruturação epistêmica, econômica, social e política, sem as quais corre-se o risco de denúncias radicais serem combinadas com passividade prática.

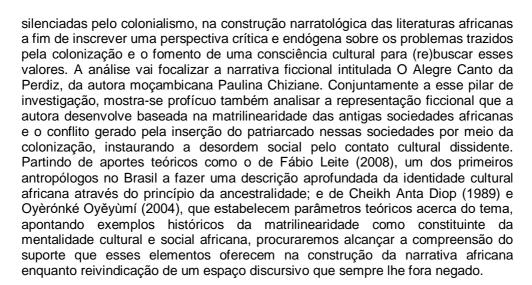
Palavras-chave: Língua; Linguística Colonial; Políticas Linguísticas.

"O PASSADO NÃO SE ESQUECE. ADORMECE COMO SEMENTE NO FUNDO DA MENTE. CAI NO SOLO E GERMINA ESPINHOS NO PRESENTE": ANCESTRALIDADES E MATRILINEARIDADE AFRICANAS EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

Otávio Klug de Almeida (Graduando - UFES) Jurema Oliveira (Doutora - UFES)

O presente trabalho procura investigar questões e marcas da ancestralidade africana como estratégia de rememoralização dessas concepções, apagadas e





Palavras-chave: Ficção; ancestralidade; matrilinearidade.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO AFRODESCENDENTE NAS PINTURAS DE DEBRET, BROCOS, PORTINARI E DI CAVALCANTE CONTEXTUALIZANDO O ASPECTO POLÍTICO-IDEOLÓGICO BRASILEIRO

Rita Mychelly dos Santos Salles (Mestranda - UFES) Ana Rita César Lustosa (Mestranda - UFES) Sérgio Rodrigues de Souza (Doutor - Instituto Educacional Athena)

Este artigo aborda a temática que relaciona a forma como os artistas plásticos Jean Baptiste Debret (1768-1848), Modesto Brocos (1852-1936), Cândido Portinari (1903-1962), Di Cavalcante (1897-1976) expressaram a imagem dos afrodescendentes, através de suas pinturas com os respectivos momentos político-ideológicos que marcavam o pensamento social brasileiro. Sua relevância científica se apresenta na forma interdisciplinar de análise, interpretação e síntese do processo. Sua relevância social se mostra no fato de poder discutir, com o grande público, a forma como a arte pode expressar o núcleo duro de uma época, expondo sua concepção existencial de um determinado grupo imerso em uma sociedade e como isto pode ser tomado como uma verdade histórica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória, que utiliza como ferramenta de suporte o materialismo dialético, por ser este o instrumento que melhor relaciona as causas e os efeitos, diretos e indiretos, do objeto estudado. Busca-se, ainda fazer uso de abordagem da Semiótica como ferramenta capaz de permitir análises e interpretações das imagens investigadas com o intuito de produzir o texto. Todos estes autores, supracitados, buscaram apresentar a figura do afrodescendente sob um viés singular de observação e que, quando posta sob uma análise acurada, tem-se exposta a política ideológica dominante, respectivamente a cada tempo histórico, com sua liberdade para determinar a dimensão sociológica deste grupo no cenário social brasileiro. Em suas respectivas obras estão retratados três



momentos distintos, particulares e também marcados por uma singularidade impecável: o tempo político representado pela sociedade real; o tempo político representado pela sociedade idealizada e o tempo político representado pelo movimento de transição. Cada um destes autores realizou uma leitura temporal deste mundo sociológico no qual encontrava-se inserido o afrodescendente e aplicou sobre ela a sua Licença Poética tendo o Negro Brasileiro como objeto de representação social, caracterizado pela mudança de pensamento político, o que marca uma interessante mudança de expressão poética sobre o negro, percebida por cada autor, em particular.

Palavras-chave: Representação imagética do afrodescendente brasileiro; Licença Poética; Política ideológica.

A RELEVÂNCIA DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA PARA NOSSA EDUCAÇÃO: ABRANGÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE NA PROSA DE GENI GUIMARÃES

Ângela da Silva Gomes Poz (Doutoranda – IFF)

Este estudo propõe uma análise da literatura negro-brasileira de Geni Guimarães de modo a destacar a sua relevância à nossa Educação de forma abrangente: quer pela diversidade do conteúdo de sua escrita, quer pela possibilidade de a mesma suscitar reflexões que podem ser compartilhadas em quaisquer níveis de ensino e alcançada por leitores de variadas idades. Geni Guimarães é uma premiada escritora negra brasileira, que optou por abraçar a temática da negritude em sua obra, uma vez que representa a sua própria história em obras ficcionais autobiográficas como "Leite de peito" (2001) e "A cor da ternura" (1998), em que ainda registra com maestria experiências de sua vida como professora, num país ainda tão desigual e racista como o nosso, revelado com sutileza em suas letras de mulher negra, oriunda do interior do Estado de São Paulo, filha de uma família de trabalhadores, de cujo seio ela herda os valores ancestrais (especialmente incorporados na figura materna) e da Educação para transpor as barreiras impostas pelos preconceitos. Com reminiscências de sua infância e de sua formação nas referidas obras e com enredos que envolvem o universo da criança nos livros que vão da categoria infantojuvenil para todas as idades, como "Aquilo que a mãe não quer" (2014) e "O pênalti" (2019), a autora constrói narrativas que induzem reflexões várias, caras à Educação, como a importância dos laços familiares, dos saberes que vêm do ensino escolar e dos que vêm das tradições populares, do afeto aprendido na convivência com as diferenças e em que ponto ele pode elevar e unir as pessoas, numa aprendizagem ampla de mundo, acerca da realidade da população negra em nosso país e do fazer pedagógico frente às injustiças sociais decorrentes do racismo estrutural. Levantando questões que perpassam insterseccionalidades - etnia, classe e gênero, a obra de Geni Guimarães (neste trabalho, abordamos livros em prosa) possibilita um encontro do Brasil real consigo mesmo, do leitor que se identifica com a realidade retratada e do que passa a conhecê-la pelo meio privilegiado de criação de empatia que é a literatura, especialmente esta que aqui destacamos, cuja linguagem é elaborada por uma escritora que (re)conhece, pela experiência vivenciada na própria pele, como mulher, negra e professora, o quanto nossa Educação carece dessa



representatividade para abrir caminho à mesma em todos os âmbitos sociais. Objetivamos, com breves abordagens das obras supracitadas, elencar, na prosa de Geni Guimarães, alguns pontos imprescindíveis para o ensino da História e da Cultura Afrobrasileiras na escola básica, conforme a Lei 10.639/2003, e para a formação cidadã mesmo fora da sala de aula, onde quer que se travem as lutas pela igualdade de direitos, fortalecendo as resistências do povo negro.

Palavras-chave: Relevância; Literatura negro-brasileira; Geni Guimarães.

PEPETELA: A CONFIGURAÇÃO DA ANCESTRALIDADE EM MAYOMBE, O TÍMIDO E AS MULHERES E PREDADORES

Rafaelly Bonadiman Vieira (Graduanda – UFES) Jurema Oliveira (Doutora – UFES/Nafricab/Fapes)

Este trabalho objetiva identificar, analisar e ressaltar a importância das marcas de ancestralidade na construção discursiva das narrativas Mayombe (2018), O tímido e as mulheres (2014) e Predadores (2008) do angolano Pepetela e reforçar a hipótese de que a escrita pepeteliana visa à narrativa histórico-ficcional. Além disso, busca-se mostrar as marcas da tradição oral e colaborar para fortalecer o cumprimento da Lei 10.639/03. O suporte teórico baseia-se nos trabalhos sobre a memória e a tradição oral do pesquisador Amadou Hampaté Bâ (2010) e nos trabalhos sobre a ancestralidade, em especial, de Jurema J. de Oliveira (2015). Por meio das narrativas, detectam-se fatos ocorridos e documentados historicamente, mas também o aspecto literário das obras em estudo. A metodologia de pesquisa consiste em realizar leituras e releituras críticas das obras selecionadas e de materiais teóricos sobre a temática. Entre os resultados obtidos destacam-se a presenca da ancestralidade materializada de modo distinto nas obras estudadas, com níveis de explicitude variável, e o fato de que a escrita histórico-ficcional pepeteliana visa, essencialmente, a elaboração de novas referências simbólicas para a nação angolana.

Palavras-chave: Ancestralidade; Tradição oral; Narrativa histórico-ficcional.

OS SABERES AUSENTES DA CIDADE LETRADA

Rogerio Mendes (Doutor - UFRN)

A partir do conceito cimarronaje o estudo apresenta a ideia de resistência intelectual como eixo que se fundamenta em saberes ancestrais e epistemologias que definem a natureza de distinção e autonomia da cosmogonia afrodescendente na América Latina. A articulação dos saberes africanos e latino-americanos, capitaneadas pelos cimarrones, enaltece fundamentos intelectuais afrodescendentes orgânicos, em seus projetos críticos e criativos, em contraposição ao establishment letrado colonial da Cidade Letrada (RAMA, 1985), ainda vigente.

Palavras-chave: Cosmogonia Africana; Estudos Culturais Latino-Americanos;





Literatura Hispano-Americana; Literatura Afro-Latino-Americana; Crítica Literária.

O ARQUÉTIPO DA MULHER NEGRA À FIGURA DA BRUXA: DUPLA COLONIZAÇÃO NO POEMA A LENDA DA BRUXA, DE CONCEIÇÃO LIMA

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Doutoranda – UEPB) Rafael Francisco Braz (Doutorando – UFRN) Sueli Meira Liebig (Doutora – UEPB)

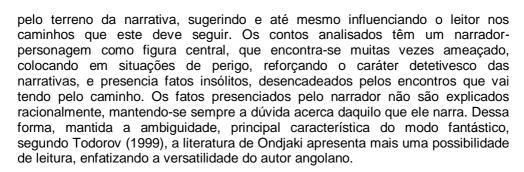
O lugar delegado à mulher negra nas sociedades colonizadas é marcado por uma dupla colonização, uma vez que ela foi subalternizada e outremizada por europeu e homens de seu mesmo povo. Dessa maneira, a marginalização da mulher negra em ex-colônias e a sua inferioridade constituía-se como algo indiscutível quando colocada diante da figura masculina. Neste sentido, a inferioridade da imagem feminina negra é duas vezes aprofundada, assim, seguindo a linha de pensamento de Buchi Emecheta (2017) de que não pode haver a independência das ex-colônias sem a independência feminina, este artigo tem por objetivo analisar a representação feminina no poema A lenda da bruxa, de Conceição Lima (2004). Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender o desamparo e exclusão sociocultural que as mulheres negras idosas sofrem. Dessa forma, nossa fundamentação teórica baseia-se nas considerações de Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2004), Akujobi (2011), Badinter (1985), Bonicci (2004), Emecheta (2017), Fanon (2005; 2008), Mendes (2017), Ribeiro (2015; 2018), Said (1995; 2003a; 2003b; 2006; 2007), Silva (2018) e Stevens (2005). Os resultados alcançados nesta pesquisa demonstram que, no poema A lenda da bruxa, a mulher negra, pobre e abandonada pela família e pelo Estado é comparada a imagem da bruxa. Desse modo Conceição Lima (2004), denuncia a dupla colonização feminina nas ex-colônias europeias no continente africano.

Palavras-chave: Literatura africana; Outremização feminina; Conceição Lima; A lenda da bruxa.

O FANTÁSTICO EM *O CÉU NÃO SABE DANÇAR SOZINHO*, DE ONDJAKI

Sabrina Ferraz Fraccari (Mestranda - UFSM) Demétrio Alves Paz (Doutor – UFFS)

O principal objetivo deste trabalho consiste em reconhecer, nos contos "Budapeste", "Madrid" e "Giurgiu", de *O céu não sabe dançar sozinho* (2014), do escritor angolano Ondjaki, a presença de elementos característicos do fantástico que nos ajudem a perceber outras nuances da literatura do autor. Para isso, partese das contribuições teóricas de Todorov (1999), Furtado (1980), Ceserani (2006) e Cardoso (2008), a fim de reconhecer, nos contos analisados, elementos elencados pelos autores como característicos da literatura fantástica. Diante disso, destaca-se a centralidade, para as narrativas fantásticas, da ambiguidade e da figura do narrador-personagem, uma vez que é o narrador quem conduz o leitor



Palavras-chave: Literatura Angolana; Pós-independência; Contos; Insólito.

AFROCENTRICIDADE: A TRADIÇÃO ORAL EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Gabriel Romagnose Fortunato De Freitas Monteiro (Doutorando – UFF) Leonardo Gomes de Souza (Mestrando – UFV)

Este trabalho busca entender a presença da tradição oral na escrita da autora afro-brasileira Conceição Evaristo a partir da perspectiva teórico-metodológica da afrocentricidade. Mais propriamente falando, deseja-se investigar como a afrocentricidade permite um novo olhar sobre os elementos da tradição griótica no romance "Ponciá Vicêncio". Nesses termos, é analisar a produção literária evaristiana pela lógica de um pensamento que deseja centralizar a cosmogonia africana como um conhecimento construtor de posturas críticas. Logo, é preciso compreender o emergir de perspectivas epistêmicas calcadas em realidades até então não contempladas ou silenciadas pela própria forma de se fazer ciência. Em certo sentido, esse emergir faz parte de um esforço para se romper com os processos eurocêntricos vigentes, ainda hoje, no universo acadêmico-científico. Logo, romper com os silenciamentos produzidos como forma de perpetuar projetos de poder baseados numa colonialidade do saber. Resgatar, então, a tradição oral ou, em outros termos, a tradição griótica na obra evaristiana faz parte de um desejo por situar a produção da autora na esfera do agenciamento, em outras palavras, Conceição Evaristo produz uma arte embebida pela memória e pelos mecanismos de resistência da população negro-brasileira. Como tal, é preciso, para o desenvolvimento de uma análise mais adequada de seu texto, uma perspectiva que ressalte o caráter plural, assim como, o lócus social a partir do qual este texto é escrito. Por fim, este trabalho desenvolve uma análise do referido romance de forma a indicar a presença da tradição de Matriz Africana na tessitura estética do texto, ou seja, os processos pelos quais a autora constrói uma singularidade ao produzir literatura afro-brasileira.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Afrocentricidade; Tradição Oral.



GT2: AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NO CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Andréia Regina Silva Cabral Libório (Doutoranda – PUC/SP)

Marina Graziela Feldmann (Doutora - PUC/SP)

Maria Aparecida Custódio Marcolino (Doutoranda - PUC/SP)

O presente artigo apresenta reflexões acerca da valorização, presença da Educação Escolar Quilombola como modalidade de Educação e da cultura dos povos quilombolas no currículo de formação de professores. A partir da seguinte problemática: Como a Educação Escolar Quilombola é abordada na proposta de construção de currículo em uma Instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica? O objetivo consistiu em analisar os perfis dos egressos e de uma proposta de currículo de referência dos Cursos de Licenciatura e de Formação Pedagógica dessa Instituição de Ensino. A metodologia é de abordagem qualitativa e utilizou-se a análise de documentos e legislações. Como referenciais teóricos buscamos as contribuições de autores como: Sacristán (2008, 2017); Freire (2004); Chizzotti (2014); Feldmann (2009); Arroyo (2011); Silva (2016) Ponce (2018), Saul e Saul A, (2018) entre outros. Evidenciou-se que a Educação Escolar Quilombola não é contemplada nos cursos de licenciatura e de formação pedagógica analisados, além disso, há ausência da presença da cultura dos povos quilombolas e o reconhecimento desses como sujeitos históricos que contribuem para a construção de uma sociedade plural. Faz-se indispensável adentrar nos conhecimentos à respeito das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, bem como, destacase a necessidade da inserção dessa cultura nos cursos de formação de professores e para aqueles que os formam, de modo a construir-se um currículo que valorize esses aspectos e sejam colocados efetivamente em prática.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Currículo de Formação de Professores; Cultura.

CAROLINA MARIA DE JESUS COMO POSSIBILIDADE DECOLONIAL DE REFLEXÕES ACERCA DOS ESPAÇOS ESCOLARES E SEUS AGENTES

Michael Dias de Jesus (IFSP)

Boaventura de Souza Santos (2009) aponta que as práticas coloniais não deixaram de operar em nossa estrutura social, a negação do outro e seus desdobramentos continuam latentes na dita sociedade contemporânea. O professor denomina esse movimento de pensamento abissal. Dessa forma, é





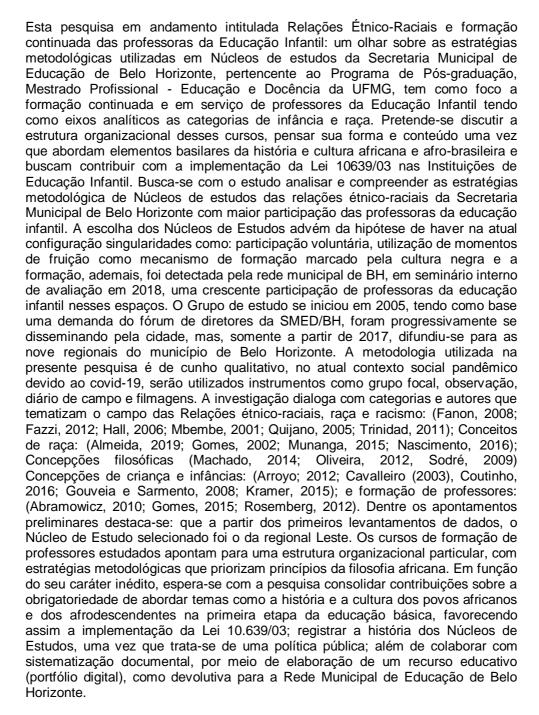
importante compreender como outros saberes são estratificados por um processo de invisibilidades e epistemicídio. Assim, é importante que outros escritos, vivências, histórias e práticas estejam para além do ocidente. Santos (2009) denomina esse processo como pensamento pós-abissal. Assim "o pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul". (SANTOS, 2009, p. 44). Portanto, a partir dessa perspectiva de epistemologia do Sul, esse trabalho tem como enfoque um diálogo decolonial sobre escola a partir de Carolina de Jesus. Discutir com alicerce nessa perspectiva nos possibilita outro prisma em relação à escola e seus ocupantes. Costumo dizer que Carolina é o próprio processo de decolonialiadade por ele mesmo. Refletir educação e espaço escolar a partir de uma mulher negra, semi-analfabeta, catadora de papel, escritora, intelectual, recordista de venda e mãe é um movimento que cânone dos saberes não possibilita. Aos olhos da estrutura ocidental Carolina é o invisível que Santos (2009) aponta. Porém, numa perspectiva do Sul essa mulher torna-se visível com potentes contribuições, considero indispensáveis seus escritos como aparato reflexivo no que tange educação. Carolina é uma das peças que faltam para a construção de uma escola emancipatória. O processo epistemológico com base em Carolina elucida quem são os corpos que ocupam os espaços escolares. "Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje puis os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas". (JESUS, 1960, p. 25). Carolina foi uma mulher negra, semi-analfabeta, catadora de papel e responsável por diversos escritos. A escritora denunciou, em sua imensa obra, as desigualdades estruturantes estabelecidas a partir de raça, gênero e classe. Carolina nos fornece elementos para localizar esses corpos como agentes que são atravessados pelas diferenças e desigualdades. Essa posição fica visível quando ela aponta: "O José Carlos não quer ir na escola porque está fazendo frio e ele não tem sapato. Mas hoje é dia de exame, ele foi. Eu fiquei com medo, porque o rio está congelado. Mas o que hei de fazer?" (JESUS, 1960, p. 59). Ora, quantos José's estão nos espaços escolares e são negados? Desse modo, é fundamental que as escritas de Carolina seiam levadas em consideração como projeto emancipatório dos espaços escolares. O ambiente educacional precisa reconhecer que não é neutro e que seus agentes não deixam suas trajetórias, vivências e subjetividades além muros escolares. Essas categorias adentram o espaço de escolarização e a escritora nos fornece base de quem são esses agentes e como a escola necessita reconhecê-los. Compreender educação pelo viés decolonial é não reproduzir as desigualdades estruturantes e Carolina (1960) fornece elementos de como não fazer essa reprodução levando em consideração as categorias raça, gênero e classe.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; Educação; Decolonialidade.

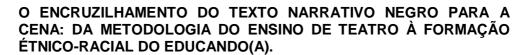
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E FORMAÇÃO DOCENTE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS EM FOCO NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE – MG/BRASIL

Adriana Bom Sucesso Gomes (Mestranda – UFMG) Rogério Correia da Silva (Doutor – UFMG) Tânia A. Ambrizi Gebara (Doutora – UFMG)





Palavras-chave: Educação Infantil; Relações Étnico-Raciais; Formação Continuada de Professores.



Rubens dos Santos Celestino (Mestrando – UFBA) Célida Salume Mendonça(Doutora – UFBA)

Esse artigo surge a partir da minha prática pedagógica, artística e estética do fazer teatral no contexto escolar quilombola, visando analisar, discutir e problematizar os desafios e encruzilhadas do ensino de teatro na construção étnico-racial do educando(a), tendo como fio condutor do processo criativo cênico fragmentos de textos de autores negros – Solano Trindade e Abdias do Nascimento, bem como a história da própria comunidade. Nesse sentido, o percurso investigativo foi desenvolvido na Escola Municipal Duque de Caxias, situada na Comunidade Remanescente Quilombola Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde/BA. Assim, as proposições realizadas nas aulas entrelaçaram dialeticamente abordagens cênicas, históricas e pedagógicas voltadas para a formação identitária do estudante negro. Essa experiência possibilitou uma reflexão crítica acerca da invisibilidade do negro e da negra nos espaços de poder, bem como evidenciou a importância da instituição escolar no combate ao racismo e a promoção da equidade racial.

Palavras-chave: Teatro; Formação étnico-racial; Educação quilombola.

LETRAMENTO LITERÁRIO À LUZ DA LEI 10.639/03: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA ESCOLA ESTADUAL ANTONIO GRÖHS

Maxsuel Pereira Barbosa(Mestrando – UFG) Márcia Juliana da Silva (Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira- UNINTER)

O presente artigo tem como gênese as experiências e reflexões de dois docentes de Língua Portuguesa em sala de aula, objetivando analisar de que forma o ensino de literatura africana e afro-brasileira é abordado pelos professores da disciplina na Escola Estadual Antônio Gröhs, do município de Água Boa – MT. Em cumprimento a Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileira, objetivou-se descrever por meio de um estudo de caso múltiplo e holístico, o desenvolvimento de atividades educacionais que ocorreram em turmas tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Utilizou-se como base metodológica a pesquisa qualiquantitativa, desenvolvida através de aulas práticas de leitura e interpretação de contos africanos e afrobrasileiros. Como fonte de pesquisa, empregou-se a Lei Federal 10.639/03, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN e o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso - DRC-MT. Para fundamentação teórica, aplicou-se os conceitos de Cosson (2009), Freire (1992), Gomes (2005), Quijano (2010) e Santos (2009). Assim, atestou-se que o ensino de literatura africana e afrobrasileira é possível, desde que o professor esteja aberto para discutir sobre esta questão no espaço da sala de aula, tornando esse ambiente ainda mais receptivo às relações étnico-raciais, contribuindo assim para a formação crítica e reflexiva



Palavras-chave: Lei 10.639/03; Ensino; Literatura Africana; Literatura Afrobrasileira.

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE UNIVERSITÁRIOS NEGROS E A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL

Gabriel da Silva Brito (Graduando – Unifesp) Edna Martins (Doutora – Unifesp)

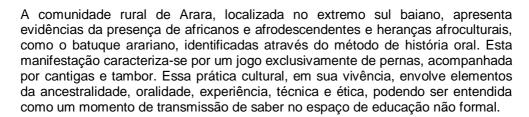
A escola pode ser compreendida como espaço privilegiado de desenvolvimento humano, assim como um contexto de articulação de diferentes significados em torno das diferenças, principalmente em relação à raça, gênero e classe social. Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo analisar, a partir das narrativas de jovens negros universitários e homossexuais, como ocorreram trajetórias de escolarização a partir de experiências de vida em que a diferença tende a ocupar um lugar de destaque frente a uma sociedade normatizadora. Na tentativa de compreender como as categorias de gênero e raça podem influenciar comportamentos opressores que impactam determinados grupos, optou-se nesta pesquisa pelo uso do conceito de interseccionalidade como constructo teórico fundamental para a compreensão desse objeto de estudo demarcado no campo da educação. Partindo de metodologia qualitativa fundamentada na teoria histórico-cultural, o trabalho está ocorrendo por meio de entrevistas em profundidade, com seis universitários negros homossexuais de cursos de humanidades de uma universidade pública de São Paulo. Foi critério de inclusão no estudo, voluntários que estudaram todos os anos de escolarização em instituições públicas. Os dados preliminares da investigação nos permitem refletir que de alguma forma, o racismo e a homofobia vividos na escola, acarretem em processos de sofrimento psíquico e consequentemente em prejuízos no desenvolvimento do sujeito por toda a trajetória de escolarização e socialização. Inferimos também que a violência vivida nas escolas públicas, aglutinam os jovens negros homossexuais, numa militância contra a evasão da juventude negra e LGBTI+ da escola, fazendo com que eles criem repertórios que deem respostas aos problemas expostos, por meio da luta por políticas públicas, escassas em nossa sociedade. A pesquisa também oferece elementos capazes de contribuir para a discussão das relações étnico-raciais e de gênero no questionamento de situações de humilhação e racismo omitidas e silenciadas pela escola e outras instituições de socialização de crianças e adolescentes brasileiros.

Palavras chave: Relações étnico-raciais; Relações de Gênero; Trajetórias escolares: Homossexualidade: Interseccionalidade

BATER TAMBOR E BATUCAR

Paulo Cesar Pereira de Jesus (Mestrando – UFSB)





Palavras-chave: Batuque arariano; História oral; Ancestralidade.

DESAFIOS EDUCACIONAIS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DISCUSSÃO SOBRE CURRÍCULO, DESIGUALDADES E DIFERENCAS

Thais Fernanda Martins Nascimento (Mestranda – UNIFESP)
Bruno Antonio Cerchi (Mestrando – UFPR)
Patricia Martins da Silva Nascimento (Graduada - UNIVAP)

Trata-se de um artigo que resulta de um estudo de caráter qualitativo, que buscou nos referenciais teóricos discutir e concatenar as categorias currículo, desigualdades e diferenças, à luz do que tem se configurado desafio do ponto de vista educacional. Sabe-se que existem consensos e dissensos em relação ao que de fato podemos considerar por currículo, no entanto, é fundamental analisar em que medida, esse, corresponde às demandas de ensino, sobretudo em se tratando da diversidade da população brasileira, com enfoque às diferenças. Com isso, apresenta-se, aqui, uma discussão teórico-filosófica relevante ao contexto contemporâneo, sobretudo neste cenário de pandemia, em que temos visto as diversas realidades que decorrem das desigualdades socioeconômicas - ainda mais acentuadas -, gerando prejuízos ao direito à educação e suas formas. Diante disso, quais são os sentidos do currículo e de que modo a diversidade tem sido incorporada? Isto posto, o suporte teórico contribuiu, notadamente, para que pudéssemos refletir sobre a atual conjuntura: a profundidade das questões sociais somada às negligências governamentais - dadas principalmente pela via dos "silêncios" por vontade política - e crises política, sanitária, social etc. Inquestionavelmente, as políticas públicas em geral e educacionais em específico são centrais para o equacionar da problemática que envolve o preconceito, a intolerância e a discriminação frente às relações étnico-raciais. O procedimento metodológico, assim como mencionado anteriormente, foi a revisão de literatura. Logo, o artigo divide-se em introdução, em que há uma problematização prévia sobre o pretendido, salientando os desafios educacionais. Posteriormente, o desenvolvimento, em que tratamos de algumas principais concepções acerca dos termos abordados, articulando-os e chamando a atenção para aspectos importantes produzidos dos pontos de vista sociopolítico e sociocultural. E, por fim, as considerações finais, que sintetizam o que é substancial nesta abordagem, com destaque para a concepção que define currículo como, para além de ser uma sistematização de conteúdos a serem ensinados e aprendidos, um instrumento de controle social, que pouco incorpora a diversidade, e que quase não considera as desigualdades e diferenças entre os indivíduos que frequentam as escolas do Brasil.

Palavras-chave: Educação; Currículo; Diversidade.





PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA DA ÁFRICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA LEI 10.639/2003

André Mendes Gomes (Mestrando – IFES) Aldieris Braz Amorim Caprini (Pós-Doutor – USP)

O presente artigo é resultado de estudos e pesquisas parciais do mestrado em Ensino de Humanidades e visa discutir o contexto histórico da inserção da temática da africanidade na educação a partir da lei 10.639/2003. O trabalho aborda o tema por meio dos pressupostos teóricos de Anderson Ribeiro Oliva, Kabengele Munanga, Marina de Mello e Souza, Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, autores que deixam claro a necessidade de trabalhar os aspectos relativos à África na educação brasileira por meio de uma nova perspectiva, rompendo com a visão eurocêntrica colonizadora que historicamente marcou a abordagem da africanidade em nosso país provocando preconceitos e estereótipos que infelizmente são presentes na sociedade brasileira e consequentemente estão enraizados na nossa educação. Nesse caminho, tais autores buscam valorizar as produções culturais dos povos africanos que tanto contribuem para nossa formação histórica e que necessitam urgentemente fazer parte da realidade educacional do nosso país. Dessa forma o artigo consiste numa metodologia de revisão bibliográfica acerca da temática em questão, seguindo três etapas: num primeiro momento temos a intenção de mostrar como a promulgação da referida lei representou um avanço na educação brasileira no sentido de ordenar que o tema passasse a fazer parte de nosso universo escolar; em seguida discutiremos o caminho ainda a ser percorrido no sentido de que tal ordenamento jurídico efetivamente seja uma realidade no cotidiano escolar; por fim, apontaremos possibilidades no sentindo de proporcionarmos uma maior inserção da africanidade na educação brasileira destacando a importância da formação continuada de professores como fundamental para esse objetivo que temos a intenção de alcançar.

Palavras chave: Africanidade; Formação de professores; Lei 10.639/03.

REFLEXOS, POTENCIALIDADES E TRANSFORMAÇÕES ATRAVÉS DO MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR NA CIDADE DE DIADEMA

Juliana de Souza Ramos (Doutoranda – UNESP)

Este estudo pretende tomar como categoria de analise a influência causada dos saberes negros na Cidade de Diadema e nas relações escolares, a partir da reflexão trazida sobre o desenvolvimento da cidade de Diadema, território negro na grande São Paulo, a partir do olhar e da percepção dos saberes negros absorvidos em especial do Movimento Negro Educador através de suas ações emancipatórias, que perpassam pelas propostas identitárias (ações afirmativas), políticas e estético-corpóreos. Sobre as relações escolares, a produção discente nas disciplinas de História e Sociologia, no primeiros anos do século XXI, bem como a produção não oficial discente, no cotidiano escolar. Pretende para tanto, evidenciar neste referencial as representações sobre o feminino e suas





percepções, mudanças, rupturas e permanências, trabalhadas por intermédio das disciplinas de História e Sociologia e suas repercussões estabelecidas entre os representantes de diferentes grupos que atuam no ambiente escolar do Ensino Médio. Para esta análise as repercussões identificadas engendram um modo de interpretar, comunicar e sobre o modo de produzir e elaborar conhecimentos. Ou seja, uma análise que toma o impacto mencionado como fenômeno, portador de saberes e crenças dos grupos envolvidos, objetivando na sua tradução, a produção e a elaboração de conhecimento.

Palavras-chave: Território; Educação; Movimento Negro; Gênero; Etnia.

INVADINDO ESCOLAS COM HISTÓRIAS NEGRAS: OS BLACK POWERS DE TAYÓ E AKIN. DE KIUSAM DE OLIVEIRA

Dênis Moura de Quadros (Doutorando – FURG)

A lei 10.639/03 prevê a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura africana e afro-brasileira, contudo, há uma lacuna na aplicação da lei, em especial na literatura. Pensando nessa lacuna é que proponho esta proposta didática a partir da sequência básica (COSSON, 2009) de duas obras "O mundo no black power de Tayó" (2013), escrito por Kiusam de Oliveira com ilustrações de Taisa Borges e "O black power de Akin" (2020), escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade. Ambas as obras destacam a ancestralidade africana e a representatividade negra permitindo a reflexão acerca do racismo. A proposta visa refletir sobre a construção da autoestima das crianças negras frente a um padrão eurocêntrico ainda pouco desconstruído na sociedade e nas escolas brasileiras. Desses cabelos ora raspados, nos homens negros, ora alisados, nas mulheres negras, irrompem nas narrativas como reconhecimento e busca dessa ancestralidade. Ainda, nos serve de base teórica as discussões de Nilma Lino Gomes (2008) e Lélia Gonzalez (2018) em que a consciência de ser negro e a busca da valorização dessa realeza (re) negada parte, em grande parte, dos cabelos armados, em riste, verdadeiras coroas que permitem vários penteados, mas marcadamente o black power.

Palavras-chave: Ancestralidade negra; Representatividade; Sequência Básica.

NARRATIVAS CONTRA-COLONIALISTAS EM AULAS DE HISTÓRIA: A PRESENÇA DO NEGRO NO VALE DO CAÍ

Carla Beatriz Meinerz (Doutora – UFRGS) Carlos Eduardo Ströher (Doutorando – UFRGS) Rogério dos Santos (Mestre - Coordenador CUFA RS)

O estudo resulta de uma ação colaborativa entre docentes de história e ativistas do movimento negro, cujo objetivo é analisar as possibilidades dos impactos positivos do conhecimento de narrativas contra-colonialistas (SANTOS, 2015) acerca da presença de pessoas negras numa região de colonialidade germânica (BACKES, 2019). Fundamenta-se no projeto educativo da Educação das Relações





Étnico-Raciais. Reconstrói a história oficializada na memória coletiva hegemônica de localidades municipais, cujas narrativas eurocentradas e brancas mantém o privilégio do protagonismo positivado de alguns grupos étnicos. Questiona a produção da escrita da história local que se transforma em narrativa compartilhada nas comunidades escolares. Como problema central, aborda a presença dos negros nas autonarrativas comunitárias e nas narrativas contra-colonialistas produzidas pelo movimento negro, acerca das histórias de uma região específica o Vale do Rio Caí, no Rio Grande do Sul. Nas autonarrativas presentes nos sites das municipalidades há o enaltecimento da figura do imigrante alemão como constituidor da identidade - e do progresso - da região, enquanto os demais grupos étnicos são preteridos: o lusitano, mesmo nos locais em que foi responsável pelo início da colonização; o indígena, reduzido ao selvagem incivilizado e rotulado como obstáculo para a conquista do imigrante; e o africano, visibilizado perversamente, ocultado e excluído das narrativas, sujeitado à condição de cativo instalado nas propriedades de seus donos. O trabalho objetiva apresentar uma fonte histórica que problematiza essa história unívoca e eurocentrada ao abordar uma produção audiovisual que concede protagonismo ao negro do Vale do Caí e que atua, nesse sentido, como uma narrativa contracolonial. Trata-se do documentário "O Negro no Vale do Rio Cai", produzido por Roberto dos Santos e o grupo Consciência Negra de Montenegro. A produção, realizada na década de 1990 por pessoas da comunidade negra local, constrói uma narrativa que valoriza a imagem do negro em uma região marcada pela colonialidade germânica, apresentando uma crítica sutil à manutenção das desigualdades geradas pela escravização e pela exclusão do negro. A obra possui o mérito de atuar como um patrimônio cultural voltado para a educação das relações étnico-raciais já na década de 1990, antes das próprias premissas legais inauguradas pela Lei 10.639/03 e de políticas públicas mais efetivas voltadas à inclusão e valorização do negro. Essa história não é necessariamente oposta às narrativas ditas oficiais, logo não tem o objetivo de constituir-se como verdade substituta às anteriores e hegemônicas, porém apresenta elementos que permitem defini-la como questionadora da colonialidade germânica e problematizadora do racismo e da branquitude presentes da região analisada. Metodologicamente, a pesquisa pressupõe uma abordagem qualitativa no campo da Educação, utilizando a colaboração e compartilhamento de saberes como pressupostos éticos. Como resultado parcial, defende o movimento negro como educador social, capaz de construir saberes desestabilizadores e emancipatórios (GOMES, 2017).

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; colonialidade germânica; narrativa contra-colonialista.

O CONTO AFRICANO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA SALA DE AULA

Graziela Maiara Lunkes (Graduanda – UFFS) Demétrio Alves Paz (Doutor - UFFS)

O curso de extensão "O conto nas literaturas africanas de língua portuguesa" foi uma das ações implementadas, durante a pandemia, pelo Programa de extensão "Relações étnico-raciais na Educação Básica", ofertado pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo - RS. Ofertado de forma online, o curso teve 10 encontros e 20 horas no total, contando com a presença de docentes e





graduandos de diferentes licenciaturas, tais como Filosofia, História, Letras e Pedagogia, de vários estados: Bahia, Minas Gerais, Pará, Rio Grande do Sul e São Paulo. O conto foi o gênero escolhido pela sua brevidade, abrangendo os períodos pré e pós-independência dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). As temáticas tratadas foram: autoria feminina, infância, invenção lexical, problemas sociais, racismo e violência. A primeira foi tratada em narrativas de Dina Salústio, Fátima Bettencourt, Olinda Beja e Paulina Chiziane. A segunda surge em "Nós choramos pelo cão tinhoso", de Ondjaki. A terceira aparece em contos de Mia Couto e Boaventura Cardoso. A quarta é apresentada em "O drama de Vavó Tutúri", de Jofre Rocha e "Bairro operário não tem luz", de Arnaldo Santos. A quinta é o tema de "As mãos dos pretos", de Luís Bernardo Honwana, "Fronteira de Aslfalto", de Luandino Vieira e "Indivíduo Preto", de João Dias. A sexta e última é presente em "Ngilina tu vai morrer", de Suleiman Cassamo, "Uma noite na cela" de Pedro Pereira Lopes, "Vida e morte de João Cabafume", de Gabriel Mariano. O curso proporcionou a leitura, problematização e reflexão de diversas temáticas sociais que devem e precisam ser levadas para a sala de aula. Os temas discutidos permeiam a sociedade e influenciam diretamente na formação de um sujeito crítico. Assim, é extremamente importante levá-los aos alunos, a fim de desenvolver a reflexão sobre esses aspectos que permeiam a contribuição africana e fomentam o reconhecimento, a legitimidade ao combate e enfrentamento ao racismo. Dessa forma, o curso oportunizou reflexões para os professores da Educação Básica e licenciandos para o trabalho em sala de aula, tendo como público-alvo docentes e estudantes.

Palavras-chave: Educação Básica; Literatura africana; Temáticas Sociais.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS DO PROGRAMA

Demétrio Alves Paz (Doutor – UFFS) Jeize de Fátima Batista (Doutora - Professora da UFFS)

O Programa de Extensão Relações Étnico-Raciais na Educação Básica surgiu a partir do grupo de estudos de mesmo nome, criado em 2016. Desde 2018 o Programa oferta cursos de extensão e outras atividades para a comunidade interna e externa da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo -RS. Dessa forma, temos como objetivo discutir práticas de uso de textos literários de autores africanos, afro-brasileiros e indígenas nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. A partir do segundo semestre de 2019 foram desenvolvidos três cursos de extensão: Introdução à literatura afro-brasileira, O conto nas literaturas africanas de língua portuguesa e Literatura indígena: leituras e diálogos para a sala de aula. O primeiro deles ocorreu de forma presencial no campus de Cerro Largo, ainda em 2019. Já os outros dois ocorreram de forma remota, em 2020, via sistema Cisco Webex, adotado pela UFFS. O intuito deles foi o de divulgar textos de autores africanos de língua portuguesa, afro-brasileiros e indígenas para o trabalho em sala de aula. No Clube de Leitura: autoria feminina, realizamos cinco encontros, um dedicado a cada escritora, que ocorreram remotamente, usando o mesmo sistema de videoconferência dos cursos de extensão. As escritoras lidas e debatidas foram: Fátima Bettencourt, Dina Salústio, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e Cristiane Sobral. A formação do clube de leitura é uma iniciativa do



programa com o intuito de debater obras literárias, propiciando um espaço de discussão intelectual para a formação cultural. A seleção das obras foi feita por cada um dos mediadores, tendo como critério autoras das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileira que não possuem tanta visibilidade no cenário nacional. Cada encontro teve a duração de quatro horas. Na VIII Semana Acadêmica de Letras da UFFS do Campus Cerro Largo - RS, que ocorreu em novembro de 2019, as bolsistas ofertaram a oficina Relações Etnico-Raciais na Educação Básica para os participantes do evento. O programa tem o compromisso de integrar o conhecimento científico produzido na UFFS e divulgá-lo para a comunidade escolar e a região de abrangência do Campus de Cerro Largo. Grande parte do público foi de estudantes do curso de Letras, mas houve também estudantes de outros cursos, professores da Educação Básica da região e de outros estados, além de pesquisadores de outras instituições. O intuito é colaborar na melhoria e aprimoramento da qualidade do ensino da Educação Básica, tão invisibilizada por algumas políticas públicas e, dessa forma, propomo-nos a colaborar com o aperfeiçoamento do ensino de língua portuguesa e suas respectivas literaturas.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; Literatura afrobrasileira; Literatura indígena.

A HISTÓRIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS E A INVISIBILIDADE DAS PEDAGOGIAS DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Tânia Maria dos Santos (Mestranda – IFES) Aldieris Braz Amorim Caprini (Pós-Doutor – USP)

O presente artigo é resultado de estudos e pesquisas parciais do mestrado em Ensino de Humanidades e visa discutir a invisibilidade das pedagogias do Movimento Negro Brasileiro na História das ideias pedagógicas no Brasil, a partir da obra de Dermeval Saviani, História das Ideias Pedagógicas no Brasil. O trabalho discorre sobre a periodização em que a obra foi organizada e que o autor afirma que o princípio para organização que distribuiu as ideias pedagógicas foi a noção de predominância ou hegemonia. Nesta periodização, discutimos a inexistência das pedagogias do Movimento Negro Brasileiro. Após um breve relato do Movimento Negro no Brasil e no Espírito Santo, discorremos sobre as pedagogias oriundas dele: a Pedagogia Interétnica, que surgiu de uma pesquisa sobre relações sociais, realizada pelo Departamento de Ciências Sociais do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador, em parceria com a Universidade Federal da Bahia - UFBA, em 1978; a Pedagogia Multirracial, cuja precursora é Maria José Lopes da Silva, carioca, linguista, professora aposentada da rede municipal e estadual do Estado do Rio de Janeiro, militante do Movimento Negro e a Pedagogia Multirracial e Popular que surgiu, em Florianópolis, Santa Catarina, como proposição do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Apontamos que é imprescindível apresentar as proposições do Movimento Negro para a educação das relações étnico-raciais, e que, portanto não podem ser invisibilizadas por proposições hegemônicas.

Palavras chave: Ideias pedagógicas; Invisibilidade; Pedagogias do movimento negro brasileiro.





IDENTIDADE CULTURAL E O FUNK: UM PROCESSO CRIATIVO EM TEATRO COM JOVENS E ADOLESCENTES NA ESCOLA

Marcilene dos Santos Costa (Mestre – UFBA) Fábio Dal Gallo (Doutor - UFBA)

Este artigo apresenta uma análise de uma proposta pedagógica cujo objetivo foi o de analisar –junto aos alunos do 9º ano do Centro Educacional Professor Áureo de Oliveira Filho (CEPAOF), escola da rede pública, localizada no município de Anguera, BA -, temas sociais que envolvem o funk e suas vertentes, visando o entendimento acerca da participação desse estilo musical nas identidades culturais dos discentes, identidades de origem negra. Foi feita uma análise do contexto social e da compreensão das identidades culturais de um grupo de adolescentes negros e mestiços por meio de jogos dramáticos, tendo como pretexto as letras de músicas do estilo musical funk brasileiro. O processo teatral foi criado a partir das teorias dos pesquisadores Viola Spolin (2010) e Augusto Boal (2012). O presente artigo buscou entender como o processo de ensino e aprendizagem dos jogos e encenação teatral, baseados em letra de músicas do funk, pode contribuir para reflexão do contexto social do educando e para compreensão das suas "identidades culturais"; e, se por meio das atividades propostas, foi possível estabelecer um diálogo com os discentes, promovendo reflexões acerca das questões sociais que envolvem a comunidade deles de forma próprios discentes pudessem apresentar temas geradores, problematizados por meio da teatralidade.

Palavras-chave: Teatro; Proposta pedagógica; Identidade Cultural; Funk.

A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA BAIXADA FLUMINENSE: DISPUTAS EPISTÊMICAS NA GEOGRAFIA

Vinícius de Luna Chagas Costa (Mestre – UFRRJ) Cícero de Aquino Costa Simões (Mestre – UERJ) Diomario da Silva Junior (Doutorando – UFRRJ)

O presente artigo discute as contribuições do trabalho de campo como metodologia de ensino da Geografia a partir dos preceitos da Lei 10.639/03, ao oportunizar visões plurais na leitura do espaço por estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A atividade foi realizada em março de 2020, fruto da campanha 21 dias de ativismo contra o racismo, que engloba uma série de eventos organizados de forma coletiva pelo movimento negro e propõe reflexões sobre o enfrentamento do racismo em diversos âmbitos sociais. Da necessidade de analisar as toponímias e as marcas históricas de territórios apagados pelo branqueamento, surge a iniciativa descolonizadora de pesquisar um roteiro geográfico que pudesse de fato contribuir para a construção de novos referenciais posicionais dos estudantes em contraposição as narrativas e epistemes eurocentradas. O trabalho de campo foi realizado na região do Recôncavo da Guanabara, especificamente nas antigas freguesias de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu e de Santo Antônio de Jacutinga. A partir dessa prática





concreta buscamos sistematizar o conhecimento histórico e geográfico envolvido e, mais precisamente, apresentar breves reflexões sobre as questões que giram em torno da escolarização de jovens e adultos trabalhadores. A relevância da pesquisa se ancora no fato de acreditarmos que prática de campo deva ser uma ferramenta teórico-prática capaz de ocorrer em qualquer nível educacional, inclusive na EJA. Os relatos de experiência apresentados registra o conjunto das atividades realizadas pela equipe pedagógica no referido campo. Por meio do exercício de análise da prática de campo proposta aos estudantes pertencentes ao nono período da Escola Municipal Rotariano Arthur Silva em Mesquita, no estado do Rio de Janeiro e da visão de diferentes autores que debatem a questão racial na educação, buscamos distinguir pontos básicos necessários ao reconhecimento do ensino de Geografia como elemento constitutivo de narrativas que reconheçam as lutas históricas dos negros na Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Racismo; Colonialidade; Geografia.

EDUCAÇÃO QUILOMBISTA: REFLEXÕES ACERCA DE UMA PROPOSTA EDUCACIONAL CONTRA-HEGEMÕNICA E AFROCENTRADA

Joan Kleber Amorim (Associação de Resgate Histórico e Cultural dos Afrodescendentes) Clarissa Marques (UFPE)

O racismo no Brasil é estrutural, uma vez que faz parte da ordem social, e é institucional porque – para além de comportamentos individuais – está atrelado ao funcionamento das instituições, as quais, direta ou indiretamente, conferem privilégios ou desvantagens aos indivíduos a depender da cor de sua pele (ALMEIDA, 2019). Assim, como reflexo da sociedade racista na qual está inserido, o sistema educacional brasileiro também reproduz as desigualdades raciais inerentes à estrutura social. A esfera do saber ainda carrega as marcas da colonialidade, de forma que o conhecimento concebido como válido - difundido inclusive no meio escolar - pauta-se numa perspectiva eurocêntrica de mundo, cuja lógica está consubstanciada na inferiorização de determinados povos, identidades e culturas, a depender de qual lugar e papel ocupem na "classificação social" (QUIJANO, 2005). Neste sentido, a narrativa da nossa própria história é construída a partir do olhar do colonizador. Na esfera escolar, constitui-se desde a educação de base um silenciamento no que diz respeito às raízes culturais, às lutas e à influência dos povos africanos escravizados e de seus descendentes na formação e no desenvolvimento da história e da sociedade brasileira (SILVA JR, 2002). Não obstante, como resposta às reivindicações dos movimentos negros, articulados com outros setores da sociedade e do poder público, foi sancionada, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03, a qual torna obrigatória a instituição nos currículos escolares da Educação para as Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em todos os níveis do ensino. Entretanto, existe uma longa distância entre a promulgação do texto de lei e sua efetivação social. No atual modelo educacional - racista e eurocentrado - há resistência para a inserção de tais conteúdos no cotidiano escolar e acadêmico, o que resulta geralmente na inaplicabilidade da lei ou na sua aplicação de forma



pontual e incipiente. Neste contexto, a presente pesquisa se propõe a discutir o modelo de educação quilombista, proposto por Ricardo Benedicto (2017), como alternativa ao modelo eurocêntrico vigente na sociedade brasileira. Este conceito educacional foi derivado da filosofia política quilombista de Abdias do Nascimento (1980), e defende a instituição de um modelo de educação afrocentrado, ou seja, pautado na experiência africana e afro-brasileira, e inspirado principalmente na experiência dos quilombos enquanto meios de organização social e resistência negra (BENEDICTO, 2019). Sendo assim, o trabalho possui como objetivo geral compreender de que maneira o modelo de educação quilombista contribui para o processo de emancipação da população negra no Brasil. Quanto aos objetivos específicos, busca-se (1) analisar como o sistema educacional vigente contribui para a manutenção da identidade negra em um paradigma de subalternização, bem como (2) examinar os pressupostos de uma educação quilombista e sua importância no enfrentamento das desigualdades raciais na sociedade brasileira. No que diz respeito à metodologia, será utilizado o método indutivo, bem como uma abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica além da documental.

Palavras-chave: Educação quilombista; Afrocentricidade; Racismo.

DISCURSOS ÉTNICO-RACIAS E A UNIVERSIDADE: PONTOS PARA REFLEXÃO

Marcos Antonio Batista da Silva (Doutor – Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)

Temos por objetivo dialogar sobre Educação no contexto da universidade pública brasileira na produção de conhecimento sobre raça e (anti)racismo. É crucial o maior engajamento da comunidade universitária com o processo de descolonização dos currículos e comprometidas com a luta antirracista. A educação é uma base fundamental de coesão social nas sociedades democráticas, visando promover a igualdade de oportunidades e, ao mesmo tempo, o respeito a diversidade, assim perguntamos: como construir uma educação antirracista nas universidades públicas brasileiras?

Palavras-chave: Universidade; Raça; (Anti)racismo; Educação; Currículos.

CONTOS AFRO-BRASILEIROS: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Ana Paula Gomes de Carvalho (Mestra - IFES)

O trabalho é um relato da experiência de oficinas literárias com contos afrobrasileiros, da escritora Conceição Evaristo, em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Cariacica-ES. As oficinas fizeram parte da pesquisa de Mestrado Profissional em Letras "Educação Literária das relações étnico-raciais: uma proposta para as aulas de Língua Portuguesa" e apresentamse como uma contribuição para a implementação da Lei 10.639/2003.





Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Contos de Conceição Evaristo; Educação das relações étnico-raciais.

RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UM ESTUDO NA BASE DE DADOS DA CAPES

Cintia Quina (Mestranda / Unifesp) Edna Martins (Doutora / Unifesp)

Atualmente estudos que discutem a temática raça e religiosidade têm ganhado espaço no campo da educação. Nessas investigações, o contexto escolar tem se colocado como um importante lócus de compreensão das relações sociais no que diz respeito à diversidade racial e religiosa. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo compreender como essa temática tem sido estudada nos últimos anos a partir de estudo bibliográfico. A metodologia consistiu em levantamento de literatura realizado na base de dados do catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) definindo-se à priori um recorte temporal de dez anos, no período de 2008 a 2018. Os resultados apontaram um especial destaque para as religiões de matrizes africanas como um elemento para pensarmos as formas de propagação do racismo nos espaços educacionais, assinalando-se a importância das contribuições de pesquisas educacionais para o enfrentamento dessa problemática, na luta por uma educação antirracista.

Palavras-chave: Racismo; Religiões de matrizes africanas; Educação.

DIÁLOGO SOBRE A DESIGUALDADE, EXCLUSÃO E A ETNIA: EM SALA DE AULA A PARTIR DO TEXTO LITERÁRIO

Luiz Carlos de Sá Campos (Doutorando – Universidade Estácio de Sá)

Um dos objetivos desta comunicação, após identificação e análise realizada a partir da observação das leituras de alguns dos textos da literatura brasileira de Monteiro Lobato e Lima Barreto trabalhados com as turmas do segundo ano do ensino médio, é evidenciar alguns dos discursos homogeneizantes que produzem desigualdades e exclusão, principalmente do negro no cotidiano rede pública de Educação. Os preceitos de desigualdade e exclusão têm sua composição, suas mutações e sua materialização construídos no âmbito dos conflitos presentes nas relações sociais, nas quais ocorrem a intervenção de grupos sociais formados em função do seu estrato social, gênero e, principalmente, cor da pele. Esses conflitos vêm sendo fortemente reproduzidos no ambiente escolar em virtude da hegemonia de um pensamento que encara as desigualdades como normalidade, produzindo, com eficácia, a discriminação. Eficácia que não se pode determinar o grau, varia de acordo com o tempo histórico ou a sociedade em que ocorre e a outros fatores. Já na desigualdade, o aspecto classe tem função predominante, embora a sua eficácia discriminatória dependa de outros aspectos ligados especificamente à etnia e ao sexo.



Palavras-chave: Etnia; Desigualdade; Literatura; Educação.

LEITURA LITERÁRIA TEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO: A QUESTÃO RACIAL EM DOIS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Suéllen Pereira Miotto Lourenço (Doutoranda – IFES) Rosana Carvalho Dias Valtão (Doutoranda – IFES)

A presença da literatura no ensino médio está, muitas vezes, limitada ao estudo dos estilos literários e suas características e biografia de autores consagrados. O texto literário, quando aparece, é apenas por fragmentos e para ser utilizado para exemplificar algum conteúdo, literário ou não. Ressaltando a importância social da escola, como instituição responsável pelo acesso ao conhecimento organizado, e a função da literatura na formação do homem, propomo-nos, neste trabalho, a apresentar uma alternativa metodológica para a leitura e estudo de dois contos de Machado de Assis: Pai contra mãe e O caso da vara. O que ora denominamos metodologia temática revela-se como uma alternativa que se pauta, de maneira articulada: a) na escolha de textos literários que se aproximam tematicamente (objeto de ensino); b) no planejamento de ações didáticas que promovam uma efetiva apropriação dos instrumentos culturais a serem transmitidos; c) no conhecimento sobre os destinatários dessa ação de ensino a fim de oportunizar a formação de leitores literários críticos, sensíveis e cada vez mais autônomos, capazes de perceber os valores ideológicos imbricados nas palavras. Com vistas a analisar as estratégias utilizadas pelo autor para denunciar as questões de raça e da escravidão no Brasil, lançamos mão da poética da dissimulação (Gledson (1986), Ianni (1988), Chalhoub (2003), Duarte (2007), principalmente) para explicar como está marcada a consciência autoral nos textos machadianos. Nessa ambiência, dentre os vários temas que poderíamos abordar a partir da apreciação das duas obras, selecionamos a questão racial tendo em vista a necessidade ainda de fomentarmos: a) a defesa de um Machado de Assis que condena, pela via da ficção, o preconceito racial e a escravidão; b) a discussão desse tema, tão incômodo para alguns, no ambiente escolar. O Brasil é um país em que a maioria da população é de origem africana, ou seja, é preta ou parda, como mostrou a pesquisa de amostragem do IBGE em 2018, e está justamente nessa parcela da população o maior número de vítimas de homicídios no país: em 2017, o número de taxa de homicídios por 100 mil habitantes revela que, em um total de 65.602 homicídios, 49.524 foram contra pessoas pretas ou pardas. Por isso, tomar o texto de Machado de Assis de maneira a garantir que sua escrita explicite e denuncie realidades tão desumanas do passado e que atravessam nossos dias é necessário e urgente. Com tal proposta, e amparados nos pressupostos didáticos da pedagogia histórico-crítica (MARSIGLIA, MARTINS e LAVOURA, 2019), pretendemos colaborar para um ensino de Literatura que, partindo da realidade do aluno, possibilite a ampliação de seu conhecimento de mundo, de seu vocabulário, de suas relações, a fim de promover o máximo desenvolvimento de suas capacidades afetivo-cognitivas, dando-lhe condição de analisar os fenômenos da prática social em sua história e contradições e agir em prol de sua transformação.

Palavras-chave: Leitura literária temática; Leitura literária no ensino médio; Machado de Assis e poética da dissimulação.



A REPRESENTATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NO PIBID

Rafael Teixeira Ciríaco de Souza (Graduado – UVV)

O presente trabalho surgiu de experiências obtidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Durante a estadia do bolsista no espaço escolar, foi possível observar o cotidiano da rede pública e suas realidades, o que engloba, inevitavelmente, o dia a dia da criança negra. A partir da vivência com os estudantes, algumas situações presenciadas saltam aos olhos no que tange à educação das relações étnico-raciais, dessa forma, neste trabalho serão analisadas algumas práticas estudantis sob tal recorte. Considerando os casos observados, a pesquisa tem como objetivo pensar possíveis atividades antirracistas a serem desenvolvidas nas escolas, além de buscar implementar práticas da Filosofia Africana Moderna nas relações escolares, além de valorizar o aluno negro através da arte-educação. Como metodologia, foram abordadas duas situações ocorridas, sendo analisadas qualitativamente. Foram trazidos aspectos da Filosofia Africana na educação, estudados por Machado (2014) no artigo Filosofia Africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais, como a noção de comunidade, a ancestralidade e o encantamento. Também recorre-se a Cavalleiro (2000), em sua dissertação e livro Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, para contextualizar as formas de tratamento da criança negra na escola. Com base nessa pesquisa, foi possível chegar a propostas de aulas que reforcem as características culturais e físicas do negro na educação infantil, promovendo a pluralidade e a representatividade.

Palavras-chave: Educação Infantil; Negritude; Representatividade.

DEGUSTAR PARA CONHECER E VALORIZAR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: POSSIBILIDADE DO USO DA ALIMENTAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Roziane Costa Conceição (Mestranda – UESPI) Marcos José Soares de Sousa (Mestrando – UEM/PR)

A presença da história da cultura afro-brasileira nas escolas públicas é, ainda, um desafio muito grande e isso ocorre por diversos fatores. Entre esses entraves podemos citar: deficiência na formação dos professores e falta de material didático específico sobre a temática disponíveis nas escolas. Nesse contexto a lei 10.639/2003, foi uma grande vitória para sociedade brasileira, pois tornou obrigatório o ensino desta temática tão necessária para construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais consciente de sua diversidade. Apenas a lei não foi suficiente para diminuir as desigualdades das relações étnico-raciais no Brasil, apesar de algumas políticas públicas tentarem tornar real a aplicabilidade da lei em sala de aula muito ainda está por ser feito. O presente estudo tem como propósito apresentar uma prática pedagógica utilizando a degustação de alimentos de origem africana como estratégia para aproximar os alunos da cultura



afro-brasileira no cotidiano escolar a partir das heranças gastronômicas que fazem parte do saber culinário brasileiro, tais vivências gastronômicas podem levar os alunos a refletirem sobre os saberes e os sabores que fazem parte de sua vivência dentro e fora da escola. Tornar visível a participação de africanos na formação da sociedade brasileira é uma prática necessária no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira; Degustação; Herança gastronômica.

DIREITO E CARTOGRAFIA: UM MAPEAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PARA COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM PERNAMBUCO

Maria Roberta da Silva (Graduanda – UPE) Clarissa Marques (Doutora – UPE)

A educação possui um papel essencial para a formação cidadã, pois é dentro desse ambiente que há democratização do conhecimento e formação de pessoas com potencial de transformação social. Entretanto, o modelo educacional moderno e eurocêntrico é incapaz de abarcar toda a pluralidade sociocultural de comunidades quilombolas, objeto da pesquisa aqui apresentada. Elementos como crença, medicina alternativa, produções locais, manifestações religiosas, expressões culturais de cada território, dentre outros, são imprescindíveis para a construção da identidade de comunidades quilombolas, mas ainda são ignorados por esse sistema educacional (SILVA, 2015). Dessa forma, após diversas batalhas dos povos quilombolas por uma educação diferenciada, houve a conquista da Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. O texto inclui a necessidade de uma educação diferenciada para as comunidades quilombolas, especificamente, a articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias de cada comunidade. O acesso à políticas públicas de educação não significa apenas a redução das desigualdades sociais que afetam as comunidades. Mas, necessariamente, uma melhoria educacional auxilia o autoreconhecimento desses indivíduos como sujeitos de direitos, capazes de reivindicá-los enquanto cidadãos/cidadãs ativos/ativas nas sociedades das quais fazem parte. Pois, além das dificuldades no campo educacional para a construção um currículo próprio, as comunidades enfrentam problemas básicos de estrutura, dentre elas: a falta de escolas dentro dos próprios territórios e que, consequentemente, obriga os mesmo a percorrerem longas distâncias até as sedes escolares disponíveis. Pensando nessa problemática e nos impasses enfrentados, ainda hoje, por comunidades quilombolas em garantir o acesso a políticas públicas, o presente resumo tem como base as atividades que estão sendo desenvolvidas pelo Projeto de Pesquisa: "Direito e dignidade: análise jurídico-cartográfica das políticas públicas de educação para comunidades quilombolas em pernambuco", e tem como objetivo investigar a normatização sobre direito à educação para populações quilombolas associada à análise cartográfica das políticas públicas de educação em comunidades quilombolas de Pernambuco. A pesquisa contará com a produção de mapas, utilizando técnicas de geoprocessamento, aliada a uma análise da legislação que tutela os interesses de povos e comunidades tradicionais no Brasil, permitindo apontar vulnerabilidades encontradas no sistema educacional, situação que pode subsidiar e facilitar ações posteriores.



Palavras-chave: Educação quilombola; Identidade; Mapeamento.

EDUCAÇÃO BÁSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DENTRO DA SALA DE AULA: REPRESENTATIVIDADE, CULTURA E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

José Luiz Xavier Filho (Graduado - Prefeitura Municipal da Lagoa dos Gatos)

A pesquisa traz como objetivo analisar as possibilidades do professor em sala de aula para o entendimento e aplicação da Lei n. 10.639/2003 e a história e a cultura afro-brasileira, de modo a articular com o Livro Didático a expressar resultados que se processam com turmas de Ensino Fundamental dos Anos Finais. Esperase, portanto, que os dados e análise desse trabalho, por meio de observações análise bibliográfica sejam contribuidoras para maior no aprofundamento de uma reflexão e tomada de atitude por parte dos profissionais da área.

Palavras-chave: Ensino de História; Religiões de Matriz Africana; Educação.

SER PRETO, SER PARDO E INCLUÍDO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E CONCEITOS DE INCLUSÃO EDUCACIONAL NO CURRÍCULO DE UM CURSO DE PEDAGOGIA

Eladio Sebástian Heredero (Doutor – UFMS) Leandro Costa Vieira (Doutorando - CPAN/UFMS)

O processo histórico do Brasil se constitui de um apanhado de circunstâncias que emergem a condição de mulheres e homens de cor escura, como subalternizados ao sistema social e demais ocorrências cotidianas que levam estes a um processo de marginalização dos aspectos sociais, culturais e econômicos. Um dos fatores que corroboram com estas condições de exclusão está diretamente pautado nos mais de trezentos anos de escravidão negra que se finda apenas no final do século XIX, de forma oficial, por meio da Lei Aurea. No entanto, população preta sofreria com as marcas desse processo escravista por todo século XX, chegando estes às gerações do Século XXI. Emaranhados por estes atravessamentos, a educação do povo preto é foco deste proposito discriminatório e excludente, levando assim a maior parte da população negra a um processo de dificuldades de aprendizagem. Buscamos discorrer nesse estudo qualitativo, a análise e revisão do Projeto Pedagógico de Curso de um dos cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o qual se instaura como parte da pesquisa de doutorado, que versa acerca das práticas e conceitos de inclusão da aprendizagem, que surgem desde as narrativas de estudantes deste Curso. Para tanto, é preciso entender esta organização curricular e pedagógica, para que assim sejam possíveis as articulações entre as teorias da educação inclusiva e as que tratam das questões étnico-raciais. Problematizar como as práticas e os conceitos de inclusão étnico-raciais tem sido presentes no Curso, identificando se estes estão também nas discussões e nos conteúdos apenas dos componentes curriculares obrigatórios e eletivos, ou se a inclusão étnico-racial é trabalhada

como uma das diversas ideias, práticas e conceitos de inclusão de todos no processo educativo, sento este um diálogo constante e transversal apresentado na estrutura curricular e no projeto pedagógico deste curso de pedagogia. Apropriamo-nos dos referenciais da inclusão: Ainscow, Bueno, Mendes, Plesht, Glat, Sebastián-Heredero, etc.; das relações étnico-raciais: Gomes, Ribeiro, Nascimento, Goulart, Holenda dentre outros, e; da legislação vigente: Constituição Federal, LDB 9394/1996, PNE 2014, PNEE 2008, PNEE 2020 e outras que proporciona o entendimento e o enlace da inclusão das relações étnico-raciais como um dos elementos da educação inclusiva. Tendo como prerrogativa o conceito de inclusão que vá ao encontro do "todo", ou seja, que as ações práticas e conceitos estabelecem este diálogo e ação no campo pedagógico, formativo, cultural e político. Entender a inclusão, também, sob a ótica da população preta e parda, percebendo estes como parte de um grupo social, historicamente excluído e discriminado, assim, tendo condições de problematizar e entender se a inclusão educacional tem atendido o público preto e pardo do curso de pedagogia no todo, trazendo a estas mulheres e homens ingressos e ativos no curso, com o sentimento de pertença em seus processos formativos, em que sua identidade de pessoa preta ou parda, seja não apenas reconhecida, mas tida assim como outras identidades de outras nuances sociais, como protagonistas nas autorias e atuações vivas da educação como um todo.

Palavras-chave: Inclusão; Relações étnico-raciais; Pessoas pretas e pardas; Currículo.

O PRECONCEITO SUBJETIVO COMO ENTRAVE AO ENSINO DE CULTURAS CARACTERISTICAMENTE DE ORIGEM AFRICANAS

Liliane Rodrigues de Araújo (Mestra) Sérgio Rodrigues de Souza (Pós-Doutor - Instituto Educacional Athena)

Este trabalho aborda a tema que visa analisar o preconceito subjetivo como entrave ao ensino de culturas caracteristicamente de origem africanas. Sua relevância científica encontra-se no fato de que se terá a chance de analisar como se desenvolve o preconceito estrutural subjetivo. Sua relevância social encontrase na possibilidade de poder apresentar um diálogo mais profundo entre o que se aprende na escola sobre culturas de matriz africana e como se assimila este mesmo ensinamento e as resistências que o professor apresenta para colocá-las aos estudantes. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, factual, analítica, em que se busca sintetizar os valores de uma cultura fundamentada no eurocentrismo e que, como regra, busca negar toda uma cultura que não se encaixe neste perfil idealizado. Esta investigação elegerá o materialismo dialético como seu método de pesquisa direcional, considerando que ele é o que melhor se apresenta como capaz para analisar e discutir as causas internas e externas do objeto. O ensino de conteúdos de matriz africana encontram entraves na escola regular especialmente pelo fato de que toda uma cultura branca, européia, protestante judaico-cristã permeou a formação do Estado Brasileiro desde sua descoberta e a forma que encontraram para barrar uma cultura tão forte como a Africana foi a demonização da mesma e de seus conteúdos epistemológicos e gnosiológicos. Isto fez com que desde pequenas, as crianças crescem aprendendo a evitar estas situações de aproximação com os elementos tradicionais das culturas de matriz africana por medo da punição divina. Esta interpretação subjetiva com relação ao tema faz surgir o que chamamos aqui de preconceito subjetivo que pode ser traduzido por medo e isto vai sendo levado pela vida afora e, mesmo depois de graduado, o sentimento de medo continua, o que faz com que na aplicação de sua práxis pedagógica, não consegue ser interdisciplinar e quando aborda o tema, o faz de modo superficial e o preconceito aparece em sua própria dificuldade de

faz de modo superficial e o preconceito aparece em sua própria dificuldade de expressão ideológica. As conclusões a que se chega é que, sobrexiste uma necessidade de formação mais profunda dos professores das áreas de humanas, especialmente os pedagogos, porque estes profissionais ocupam 50% de toda a vida acadêmica dos estudantes da Educação Básica. Há que admitir o peso da educação cultural que forma um tipo de cidadão preconceituoso, sem este se dar conta de que o é, e um professor que assim o faz, sem a consciência de que assim o faz, porque nega acesso aos estudantes sobre estas temáticas e nega um estudo mais amplo sob o aspecto cultural e sua influência na formação da cultura brasileira específica.

Palavras-chave: Cultura de matriz africana; Práxis pedagógica; Preconceito subjetivo.



A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA FNB-FRENTE NEGRA BRASILEIRA: NA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA FILIAL EM BRODOWSKI

Camila Gonçalves Lima Rosa (Graduanda – IFSP) Michele Cristine da Cruz Costa (Doutora – UNICAMP) Leandro Freitas Sacramento

O presente trabalho refere-se à linha de pesquisa: A Transição Do Movimento Negro da capital para o interior de São Paulo, que tem por objetivo investigar as concepções produzidas por esses movimentos negros, aqui representados pelas Frente Negra Brasileira de São Paulo e a Sociedade Henrique Dias de Brodowski. Em 1931, a escravidão no Brasil havia sido abolida há menos de 50 anos e mesmo assim os negros continuavam sendo tratados como escravos. Por isso, os negros começaram a se organizar para terem os seus direitos respeitados, surgindo assim, o Movimento Frente Negra Brasileira (FNB) em São Paulo. A FNB - Frente Negra Brasileira - era uma organização que foi fundada em 1931 e se tornou a mais importante organização política de massa do século XX. Aqui vamos relatar como esse movimento negro chamado Frente Negra Brasileira, que procurou inserir os negros dentro da sociedade, após um longo período de escravidão, incentivando que eles estudassem e lutassem pelos seus direitos, sempre visando conquistar posições para o povo negro em todos os setores da sociedade brasileira e reivindicar os seus direitos de inserção social. Com base nesses dados, a pesquisa em andamento tem o objetivo de investigar os marcos históricos, que envolvem a luta da FNB principalmente por meio da atuação da sua filial Sociedade Henrique Dias na cidade do interior de São Paulo - Brodowski, entendendo também sua atuação na década de 30 do século passado.

Palavras-chave: Movimento Negro; Brodowski; FNB.

1º FÓRUM LINHARENSE DO EMPODERAMENTO NEGRO: A ORIGEM DO PROJETO BLACK POWER.

Joana Lúcia Alexandre de Freitas (Mestra – Faceli) Poliana Barnabé Leonardeli (Mestra – Faceli) Évilyn Rosa Lirio (Graduanda – Faceli)

Para tornar o Brasil em um só povo e uma só nação é preciso promover ações de reflexão e de empoderamento negro. Mostrar que a sociedade cria um estereótipo





eurocêntrico por ignorância e herança de nossos colonizadores. Com objetivo de evidenciar que o negro assim como qualquer outro cidadão brasileiro merece respeito, em 2019 promoveu-se o 1º Fórum Linharense do Empoderamento Negro com palestras sobre como perceber e coibir o preconceito racial na esfera jurídica, no mercado de trabalho e no ambiente escolar. Tal evento repercutiu na TV local. em sites e redes sociais. Muitos manifestaram o interesse de formar um grupo de militantes. Assim, surgiu o projeto Black Power que visa desenvolver atitudes antirracistas na comunidade Linharense para minimizar os problemas causados pelo racismo nas diversas esferas da sociedade, principalmente nas escolas de educação básica. Dentre as várias ações previstas para 2020, destacam-se um curso de capacitação para instruir os militantes a entenderem a origem e o motivo do preconceito étnico-cultural no Brasil, curso de capoeira para crianças e adolescentes, o segundo fórum Linharense do empoderamento negro previsto para abril e um colóquio no segundo semestre do ano corrente sobre as religiões de matriz africana. Ao realizar todas essas iniciativas, almeja-se emponderar os negros, incentivando-os a orgulhar-se de suas origens, apropriar-se da própria cultura, criarem projetos de vida e novas perspectivas para galgar a realização desses sonhos. Neste congresso, apresentaremos alguns frutos do Projeto Black Power na vida do povo de Linhares-ES.

Palavras-chave: Faceli; Black Power; Empoderamento; Negritude; Educação.

O MERCADO DE TRABALHO E AS JUVENTUDES NEGRXS NO BRASIL

Diomario da Silva Junior (Doutorando – UFRRJ) Vinícius de Luna Chagas Costa (Mestre – UFRRJ) Juliana Nascimento da Silva Avelino (Mestranda – UFRRJ)

Analisar as invisibilidades dos negros no mercado de trabalho, tendo como referência os cientistas sociais que produzem pesquisas na tentativa de demonstrar o processo explicito de desigualdade e discriminação racial na relação emprego e renda, sem que a sociedade repense essa realidade cruel atingindo cotidianamente a população negra, torna a questão racial central. A linha de cor vai tipificando as escolhas dos trabalhadores. Na escolha de incrementar a imigração branca no pós abolição se consolida a tendência histórica da desigualdade racial na estruturação do mercado de trabalho brasileiro. Não é correto colocar a culpa da situação na escravidão. Para o incremento da imigração europeia um dos principais argumentos era a falta de capacidade do negro em adaptar-se a nova condição de trabalhador livre. Vinha de longe o esforço de atração legitimando a vinda de imigrantes incentivada pelo estado imperial e continua na mesma linha com o advento do estado republicano. Nesta perspectiva, entendo que a produção de Mário Theodoro (2008), Carlos Hasenbalg (2005), Luciana Jaccoud e Nathalie Beghin (2002), e Marcelo Paixão (2014), são importantes por demonstrar a partir de dados quantitativos como foram estruturadas e foram se atualizando as condições de discriminação e as desigualdades raciais no Brasil. Buscamos discutir como o programa jovem aprendiz e a lei de 10.097/2000 pode ser capaz de reproduzir ou proporcionar novos caminhos em relação a exclusão da juventude negra do mercado de





Palavras-chave: Juventudes; Mercado de Trabalho; Afrodescendentes; Jovem Aprendiz.

RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: BASES CIVILIZATÓRIAS COMO POLÍTICA EDUCACIONAL

Rugana Indafá (Unilab) Ivan Costa Lima (Doutor – Unilab)

As religiões de matrizes africanas no Ceará expressam importantes dinâmicas sociais e políticas como guardiães do patrimônio civilizatório africano. O estudo no Pibic/Unilab objetiva evidenciar as bases teóricas e civilizatórias das religiões como contribuição para a educação das relações étnico-raciais e das políticas públicas educacionais. Este debate torna-se relevante em face da intolerância e falta de conhecimentos de suas bases epistemológicas. Metodologicamente utiliza-se da pesquisa participante e da história oral para captar as concepções e ações educativas nos terreiros e as dificuldades dos educadores sobre o tema. Esperamos construir conhecimentos para a visibilidade da população negra, subsidiando a universidade e a sociedade sobre as concepções e formas de agir e pensar sobre as relações raciais na política em educação.

Palavras-chave: Religiões de matrizes africanas; Racismo religioso; Política educacional; Formação de educadores/as.

POLÍTICA PÚBLICA DE CRECHES: DIREITO E DIGNIDADE PARA JOVENS MÃES QUILOMBOLAS

Maria Alice de Lima Barbosa (Graduanda – UPE) Clarissa Marques (Doutora – UPE)

O presente resumo decorre das atividades desenvolvidas pelo projeto "Ser Quilombola", realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade (GEPT) e pelo Coletivo Direitos em Movimento (DIMO), ambos da Universidade de Pernambuco – UPE, e também do projeto de PIBIC intitulado "Direito e Dignidade: análise jurídico-cartográfica das políticas públicas de acesso à creches para comunidades quilombolas". Através de pesquisas bibliográficas e documentais que tratem sobre as palavras-chave escolhidas, objetiva-se refletir sobre as consequências positivas que o acesso à política pública de creches ocasiona/ocasionaria na vida de famílias, e, principalmente, de mães quilombolas. O referencial teórico abrange desde autoras que se debruçam especificamente sobre a questão das creches no Brasil, como Flúvia Rosemberg, a autoras do feminismo negro, como Lélia Gonzales, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, que falam sobre renda, empregabilidade, atuação da população negra no mercado de trabalho e intersecção entre violências de gênero



e raça, uma vez que pretende-se traçar um panorama sobre a história das creches e sua relação com os movimentos de mulheres. Em um segundo momento, restringir a discussão às especificidades de mulheres negras e quilombolas, apontando o mecanismo "creches" como um importante instrumento na luta contra opressões de gênero e de raça, Apesar das muitas discussões a respeito da importância das creches para o crescimento da autonomia feminina, poucos trabalhos debruçam-se sobre o "recorte" racial (aqui colocado entre aspas uma vez que esta parcela corresponde a maior parte da população feminina brasileira), e são ainda menores os que referem-se às mulheres quilombolas, apontando de que forma o amplo acesso à creches poderia influenciar de forma positiva a empregabilidade feminina, na renda e segurança financeira das famílias e empoderamento dessas mulheres, além das transformações que tais condições provocariam nas próprias comunidades. Uma vez que o Brasil apresenta realidades completamente divergentes em seu território, percebe-se que estudálas a partir de suas especificidades apresenta-se como urgência para a compreensão e ajuste das políticas não eficientes. Quando se trata de populações remanescentes de quilombos, estamos falando de uma população muitas vezes em situação de vulnerabilidade social e um dos grupos, historicamente, mais expostos à opressões de raça e classe, de forma que, observar suas necessidades de forma especifica, nos permite combater estrategicamente tais opressões, e, se tratando de políticas públicas de creches, incluem-se as opressões de gênero.

Palavras-chave: Política de creches; Mulheres Negras; Comunidades quilombolas.

A APLICAÇÃO DO CONCEITO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NAS RECOMENDAÇÕES GERAIS E RELATÓRIOS ANUAIS DO COMITÊ SOBRE A ELIMINAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DA ONU

Pedro Pulzatto Peruzzo (Doutor – USP) Isabella Garcia (Graduanda – PUC-Campinas)

O presente trabalho teve com objetivo estudar a aplicação do conceito de discriminação racial utilizado na legislação brasileira sobre racismo e discriminação racial a partir de 1888 até maio de 2020. Pretendeu-se responder com a presente pesquisa qual a dimensão concreta do conceito de discriminação racial utilizado no Brasil a partir do conceito de discriminação racial trazido pelo Comitê da Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial da ONU. Nossa hipótese foi que o Brasil acompanhou, durante décadas de funcionamento, as mudanças sociais e culturais proporcionando uma atualização e adequação do conceito às agendas globais sobre o tema. A Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial foi elaborada pela Organização das Nações Unidas em 1965, tendo sido incorporada pelo Brasil através do decreto no 65.810, de dezembro de 1969. O Brasil reconheceu a competência do Comitê respectivo através do Decreto 4738/03, de junho de 2003, sendo esse Comitê encarregado de receber denúncias individuais, analisar relatórios dos Estados Partes e emitir Recomendações Gerais e Relatórios Anuais. A partir dos relatórios enviados pelos Estados Signatários, o Comitê elabora recomendações gerais e relatórios para dar seu parecer sobre as informações



obtidas. No projeto de pesquisa inicial, tivemos como objetivo observar a aplicação concreta do conceito de discriminação racial nos relatórios dos últimos dez anos (2008-2018) e nas 35 Recomendações Gerais (1972-2012) emitidos pelo Comitê. Os relatórios anuais são concentrados em alguns países, onde são analisadas suas condutas individuais de avanços e retrocessos à luz da Convenção ratificada. As recomendações têm caráter geral a fim de alcançar os Estados Partes simultaneamente. Ao final, concluímos que o conceito de discriminação racial sempre esteve sujeito a adaptações e atualizações em decorrência das constantes mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. Salienta-se a importância do Comitê em atualizar a interpretação do conceito de discriminação racial e assegurar que não fique a mercê de líderes e chefes de Estados que se utilizam do racismo estrutural para manutenção do seu próprio poder. Com base nos resultados da pesquisa inicial, observamos a possibilidade de aprofundar os estudos numa análise das mudanças legislativas sobre questões raciais no Brasil desde 1888, considerando o histórico de alterações na compreensão do conceito de discriminação racial no Comitê estudado, partindo dos resultados obtidos até o presente momento. A pesquisa ora em andamento realiza uma investigação e sistematização das leis brasileiras sobre racismo e discriminação racial a partir de 1888 (ano de assinatura da Lei Aurea) até maio de 2020, em âmbito federal. A respeito dos resultados parciais, a partir da lei Áurea, constatamos que de imediato não houve políticas públicas e legislativas que tratassem do processo de transição da escravização para a liberdade dos negros escravizados, mas sim o endurecimento de leis, promoção da imigração de europeus e políticas eugênicas. A primeira lei contra discriminação racial ocorreu 45 anos após a abolição. Essa lei foi o ponto de partida para criação de novas leis que acompanharam a dinâmica da sociedade.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Racismo; Cooperação Internacional.

SIGNIFICADOS E SENTIDOS DAS COTAS RACIAIS COMO MEIO DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Edmundo Fernandes Souza Filho (Doutorando - UNIFESP) Edna Martins (Doutora - UNIFESP)

O presente trabalho tem o objetivo de discutir os sentidos e significados das cotas raciais a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural. Participaram da pesquisa, por meio de entrevistas semiestruturadas, estudantes que optaram pela reserva de vagas para acessar o ensino superior e se autodeclararam pretos ou pardos, professores e membro da equipe de gestão de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Quanto aos resultados, notam-se significados e sentidos variados acerca das cotas raciais como forma de ingresso na universidade.

Palavras-chave: Reserva de Vagas; Questões Étnico-Raciais; Teoria Histórico-Cultural.





OS BLOCOS AFRO E OS IDEAIS DE AUTONOMIA E PROATIVIDADE NA LUTA ANTI-RACISTA

Kamai Freire (Mestre - Hochschule für Musik Franz Liszt Weimar)

Minha pesquisa debate acerca da Revolução Cultural empreendida pelo IIê Aiyê (e demais blocos afro) e como a arte e cultura tem sido fundamental na luta antiracista e anti-colonialista no Brasil - ou melhor, como em muitas instâncias a Guerra Cultural tem sido central e estruturante nesta Guerra Total, e como a arma artística-cultural constantemente se confunde com a própria Luta em si. A partir disso, proponho a discussão sobre estratégias para se encurtar as distâncias entre as distintas frentes de batalha da luta anti-racista. Neste específico caso, as distâncias entre a engenharia política do movimento negro em geral e as estratégias de Luta do IIê Aiyê em particular. Dentre várias questões que se desdobram na minha pesquisa (e várias outras que vão se desdobrar a partir dos nossos debates neste Congresso), alguns pontos principais são: 1) a retomada/fortalecimento da Música e das Artes a partir da perspectiva africana, na qual as práticas artísticas e culturais não são meras mercadorias para fins contemplativos/decorativos (como típico da episteme e dos modelos eurocolonialistas hegemônicos), e sim elementos centrais e estruturantes da experiência humana individual e coletiva; 2) a ampla, intensa, e ativa utilização da Música e das Artes enquanto ferramenta de educação política e empoderamento. tanto fora quanto dentro do ambiente de ensino escolar; 3) o valor estratégico da Música e das Artes enquanto tecnologia de sobrevivência, tanto em relação à demanda mais direta/urgente/pontual de saúde integral-familiar-comunitária, como em relação à demanda mais indireta/longo-prazo/estrutural de oportunização, capacitação, profissionalização. Todos esses pontos podem ser nitidamente aferidos na lógica conceitual e operacional do IIê Aiyê (representando os demais blocos afro) a constelar um perfeito estudo de caso para debates interdisciplinares a fim de aprofundar e complexificar as possibilidades de efetiva articulação da luta anti-racista em suas múltiplas frentes, sobretudo entre a via política e a via artística-cultural tão iconicamente evidenciada pela Lei 10.639/2003 e pela trajetória do "mais belo dos belos". No específico debate sobre "Direitos Humanos e Políticas Públicas", minha proposição gira em torno do caráter vanguarda do Ilê Aiyê (especialmente flagrante, por exemplo, ao analisarmos a referida Lei, cujo teor já vinha sendo implementado na prática pelo IIê anos antes da Portaria baiana 11.645/08 e décadas antes da Lei federal entrarem em vigor) e em que medida isso aponta o Ilê Aiyê como uma organização anti-racista revolucionária. Em se tratando de políticas públicas, me interessa debater como o exemplo do IIê (e de outras organizações revolucionárias) nos impulsionam a pensar a trajetória em direção às políticas públicas como um processo gradual que precisa encontrar eficácias e conquistas concretas muito antes (muito além e a despeito) dos processos e resultados engendrados dentro da arena políticopartidária que eventualmente logrará (ou não) a implementação de políticas públicas verdadeiramente efetivas.

Palavras-chave: Políticas públicas; Luta anti-racista; Bloco afro.

